



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS



THAINÁ APARECIDA DE SOUZA PAULA

**“O CONGADO É MAIOR QUE O MOVIMENTO NEGRO”:
UM ENSAIO ETNOGRÁFICO EM ITUIUTABA E UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS**

UBERLÂNDIA

2024

THAINÁ APARECIDA DE SOUZA PAULA

“O CONGADO É MAIOR QUE O MOVIMENTO NEGRO”:
UM ENSAIO ETNOGRÁFICO EM ITUIUTABA E UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Sociais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel, sob a orientação da Professora Doutora Claudia Wolff Swatowski.

UBERLÂNDIA

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

P324 2024	<p>Paula, Thaina Aparecida de Souza, 1998- "O CONGADO É MAIOR QUE O MOVIMENTO NEGRO": UM ENSAIO ETNOGRÁFICO EM ITUIUTABA E UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS [recurso eletrônico] / Thaina Aparecida de Souza Paula. - 2024.</p> <p>Orientadora: Claudia Wolff Swatowski. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Ciências Sociais. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Sociologia. I. Swatowski, Claudia Wolff, 1979- (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.</p> <p>CDU: 316</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

THAINÁ APARECIDA DE SOUZA PAULA

“O CONGADO É MAIOR QUE O MOVIMENTO NEGRO”:

UM ENSAIO ETNOGRÁFICO EM ITUIUTABA E UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Wolff Swatowski
(Orientadora – UFU)

Prof^º. Dr^º. Luciano Senna Peres Barbosa
(Examinador – UFU)

Prof^º. Dr^º. Moacir De Freitas Junior
(Examinador – UFU)

Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Gonçalves Junqueira
(Examinadora Suplente – UFU)

DEDICATÓRIA

Não só o processo de desenvolvimento desse trabalho, que me permite concluir uma etapa importante da minha vida, como toda a caminhada na universidade, dedico a minha mãe, Fabiane Aparecida de Oliveira Souza e a todos os meus antepassados que percorreram para que eu pudesse atingir a conquista almejada. Minha mãe é minha mestra, matriarca e é a quem devo a vida (parece clichê, mas não é), pois se não fosse o seu zelo para comigo, a preocupação com o que passei relacionado ao meu espiritual, que determinou tudo, com certeza não teria chegado até aqui. Obrigada, mãe, pelo seu amor, esforço e confiança de que um dia eu lhe traria essa satisfação. Obrigada a sua potência, força, aos seus mentores espirituais que tanto nos cuida. Eu alcancei por você, por mim e por toda a nossa trajetória. A sra. Merece isso e além!

AGRADECIMENTOS

Pela abdicação, compreensão e paciência, agradeço a minha mãe, Fabiane Aparecida de Oliveira Souza, que desde 2020, insistiu para que eu focasse somente nos estudos. Que bom que a senhora acreditou que seria possível, não só acreditou como se esforçou junto comigo para isso. Que bom que a senhora sempre pensou no melhor e reconhece que a educação é fundamental na vida de pessoas como nós, como forma de dignidade e possibilidade. Obrigada sempre! E, de maneira alguma, poderia deixar de incluir o Adelino Moreira de Andrade, meu padraсто, que nos momentos mais delicados de nossas vidas permaneceu. Eternamente meu coração será grato e me lembrarei com muito afeto pelo compromisso e cuidado que teve com a gente.

À minha Iyalorixá Márcia Marçal do Nascimento (Mãe Márcia de Obaluayê), a Agba que me devolveu a energia necessária para ingressar na universidade, quando eu já tinha desistido de tudo, por não encontrar mais caminho. O meu muito obrigada, Iyá! Pelo ontem, pelo hoje e pelo amanhã! Suas mãos foram o alicerce, a essência ancestral que eu precisava. Yemanjá sabia que estava na senhora o começo da minha melhora, o caminho de volta para o viver.

Às estimadas mães de terreiro, Mãe Pepa e Mãe Neuza, que cuidaram tão bem de mim nos últimos três anos. Obrigada pelo acolhimento, escuta e cuidado, Mãe Pepa! Sem a senhora eu jamais teria permanecido em pé e concluído no tempo certo minha graduação, e muito menos teria encontrado a paz quando precisava. Bom seria se eu não tivesse precisado de mais nada além do que já tinha, e que bom que Orixá deu caminho para encontrá-la, sou absurdamente grata. Mãe Neuza, Oyá Karejé, a senhora foi peça fundamental para finalizar um ciclo muito mais que difícil de fechar, e agradeço. Sigo de coração cheio por Yemanjá ter me levado até a sra.

À minha orientadora, Prof^a. Claudia Wolff, que de repente assumiu a responsabilidade de me ajudar, de entender minhas ideias e de maneira muito cuidadosa e prestativa, trouxe contribuições enriquecedoras. Muito obrigada, professora! A senhora teve uma sensibilidade ímpar para conduzir um tema que abordou questões um tanto quanto complexas.

Aos professores Mariana Côrtes e Moacir De Freitas Junior, foi tendo a rica experiência de partilhar sala com vocês que meus olhos brilharam com o Curso de Ciências Sociais. Vocês são absurdamente incríveis, nasceram para a sala de aula! Os senhores fazem parte da minha história. Agradeço!

Ao Isaac, meu veterano, nunca me esqueci de suas palavras no primeiro dia de recepção. Você me disse para criar raízes, colocar meus pés no chão da universidade e do curso, para eu não me perder pelo caminho (e não sair corrida haha), e cá estou. Seu acolhimento foi essencial! A raiz se transformou nesse documento importante. Você é um ser humano especial e de muita luz!

Jamais poderia deixar de agradecer às minhas colegas Nayad Nataly e Mariana Arantes, que em certo momento da graduação me ajudaram muito com relação a algumas situações delicadas que vivi. Sem vocês naquele momento eu não teria conseguido. Somos as sobreviventes do nosso grupo e não foi à toa que vocês permaneceram. Desejo sucesso na caminhada e que possamos nos encontrar por aí ainda.

Rafael Junio, um amigo tão bacana que a Sociais me deu. Não sei o que seria de mim sem sua ajuda para a edição final deste trabalho. Muito obrigada, mesmo! Tu és um amigo que guardo sempre com afeto, por sua sinceridade e carinho.

E não menos importante, às pessoas que encontrei pelo mundo das congadas, especialmente ao terno Moçambique Camisa Rosa e dançadores. Muito obrigada! A espiritualidade escolheu vocês e eu fui muito feliz com a oportunidade. Vocês me fortaleceram de uma maneira única! Vocês e todos os congadeiros que atravessaram meu caminho. Obrigada!

RESUMO

Esse ensaio etnográfico tem por objetivo analisar o Congado como movimento político em contexto de luta, reivindicações e valorização da comunidade negra nas cidades de Ituiutaba e Uberlândia, Minas Gerais. Também tem como objetivo refletir as relações que envolvem Congado e Movimento Negro, pensando nos períodos de surgimento de cada um na sociedade brasileira e, indispensavelmente, nos municípios em questão. Além disso, se propõe a trazer as perspectivas da pesquisadora, dos congadeiros e congadeiras, como forma de intermediar e interpretar as relações que envolvem ambos os movimentos, enfatizando as dimensões religiosas e culturais da tradição afrodiaspórica.

Palavras-chave: congado; movimento negro; terreiro, igreja, ancestralidade; oralidade;

ABSTRACT

This ethnographic essay aims to analyze Congado as a political movement in the context of struggle, demands and appreciation of the black community in the cities of Ituiutaba and Uberlândia, Minas Gerais. It also aims to reflect the relationships involving Congado and the Black Movement, thinking about the periods in which each one emerged in Brazilian society and, indispensably, in the municipalities in question. Furthermore, it is proposed to bring the perspectives of the researcher, congadeiros and congadeiras, as a way of mediating and interpreting the relationships that involve both movements, emphasizing the religious and cultural dimensions of the Afro-diasporic tradition.

Keywords: Congado; Black Movement; terreiro, church, ancestry; orality;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CONHECENDO A FORÇA E A HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO.....	17
2. PRIMEIROS CONTATOS COM O CONGADO.....	24
2.1 PRIMEIROS CONTATOS COM O CONGADO DE UBERLÂNDIA: INICIATIVA PARA ANALISAR O CONTEXTO POLÍTICO.....	32
3. COMO PODEMOS PENSAR A RELAÇÃO ENTRE CONGADO E MOVIMENTO NEGRO?.....	34
3.1 ENTENDENDO AS IRMANDADES NEGRAS NO BRASIL.....	39
3.2 VIVENCIANDO O CONGADO EM 2024.....	42
3.3 ATIVIDADES POLITICAMENTE RECONHECIDAS DO POVO CONGADEIRO E DE TERREIRO.....	49
3.4 CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS.....	57
4. REFLEXÕES A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DOS MOÇAMBIQUEIROS DE ITUIUTABA, MG.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

INTRODUÇÃO

O Congado é um festejo afro religioso conhecido popularmente pelo contexto cultural presente nas cidades do Triângulo Mineiro e em outras regiões do estado de Minas Gerais. E, para além disso, caracteriza-se muito por suas relações diretas com a sociedade civil e os poderes públicos, principalmente visando a luta social e a resistência da população negra em suas cidades de protagonismo.

Em Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, e em Uberlândia, o Congado é entendido ‘parcialmente’ em meio à sua comunidade, como um movimento, que para além de sua festividade e devoção aos santos canonizados na igreja católica, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, têm atuações consideradas significativas e indispensáveis para seus municípios, haja vista que, trata-se hoje, de um patrimônio imaterial do estado capaz de articular por e para a população, buscando desenvolvimento e melhorias para os campos étnico-raciais, políticos e sociais.

Interessada em conhecer mais sobre o Congado e sua relação com o Movimento Negro, fui à campo no dia 19 de maio de 2024, durante a Festa em Louvor à São Benedito e Nossa Senhora do Rosário em Ituiutaba. Saindo do quartel do terno Moçambique Camisa Rosa em direção à Igreja de São Benedito, tive a oportunidade de fazer algumas perguntas para o neto primogênito do fundador do moçambique, Demétrio Orlando da Silva. E em questão de mais ou menos quinze minutos de rica conversa, ele pontuou firmemente: **“Primeiro que o Congado veio antes... para o Movimento Negro existir o Congado lutou (...)”**. Essa fala foi marcante e se tornou o ponto de expansão para esta pesquisa. Foi, sobretudo, a parte primordial para dimensionar a importância do Congado frente às demandas da população que representa, pois, por meio disso, meus interlocutores me trouxeram de fato a noção da grandeza da solenidade, me levando a compreender que o Congado, além de anterior, pode ser entendido como ‘muito’ maior que o Movimento Negro nas conjunturas das cidades em questão. **Não colocando um embate entre Congado e MN (Movimento Negro), pois de forma marcante, são dois ‘caminhos’ que se interligam e se fortalecem em luta política no presente hoje. Então, pensemos nos períodos de surgimento e no significado para o povo preto em cada momento. Não se trata aqui de separar, mas sim, não correr o risco de minimizar unicamente aquilo que tem sua singularidade.**

Assim sendo, o trabalho proposto seguirá refletindo a partir da lógica dessa tradição religiosa, cultural afrodiáspórica e centenária. Muito do que refletiremos ao longo deste ensaio, só vai ser reconhecido em cunho político recentemente, ‘muito depois’ do que se faz presente nas memórias dos congadeiros e moçambiqueiros. Desta forma, o intuito deste trabalho será de analisar as interpretações dos dançadores acerca do Congado, não como festa apenas, mas como uma possível organização, um movimento de luta política, que firmou-se no período colonial como resposta ao processo violentador da escravidão. E ainda, minha busca perpassa à raiz, ao surgimento, ao povo que construiu a história do Congado, portanto, não é a intenção pensar nas novas formações, com grupos majoritariamente brancos ou compostos por outras etnias, como mesmo já existem.

Ademais, penso como se pode articular o Congado com as novas questões surgidas contemporaneamente para mesmo colocar em prática ações políticas - isso inclui fomentar a criação de políticas públicas - para que o povo preto alcance sua autonomia, mesmo que essa autonomia simplesmente perpassa a ideia de enfrentamento dentro dos próprios territórios. Formas essas de continuar sobrevivendo e melhorando suas condições de vida.

Este trabalho pode ser entendido como um ensaio etnográfico, pois com o processo de desenvolvimento vi a importância de me colocar, para além de pesquisadora, interlocutora, para intermediar a interpretação das relações que envolvem a tradição. Além do mais, esse contato com o campo fez-me absorver mais do que eu estava procurando para responder meus questionamentos. Roy Wagner (1975) em seus escritos coloca que o sujeito, ao ir conhecer, leva muito do lugar que ele vem para a relação de conhecimento. E ao retornar, após um período de interações e aprendizados, tem de encontrar meios de falar do que conheceu em determinados termos. Assim sendo, é sempre uma relação do que se carrega consigo com o lugar que se pesquisa. Isso justifica a minha intromissão em cada parte desenvolvida.

Se faz importante ressaltar que este trabalho é um ensaio, um experimento, relatos baseados no que vivencio e/ou já vivenciei, afinal. Muitas portas que se abrirão em meio às minhas observações não necessariamente buscarei fechar. Portanto, é possível que várias informações pareçam deslocadas ou um tanto quanto confusas, sem começo, meio ou fim (dependerá de cada interpretação, acredito).

O que trago comigo, com as minhas narrativas e próprias vivências, memórias e experiências, se misturam, partilham e complementam, o que digo como cientista social.

Partindo desse contexto, me refiro às dimensões espirituais, que a todo tempo estão presentes ao longo dos meus escritos. A maneira como as enxergo e tudo o que está atrelado à “ancestralidade preta”, de certa forma, faz parte do processo do conhecer, também, o Congado, tanto dentro das noções religiosas quanto no quesito de movimento político e ademais. Favret-Saada (1990) enfatiza esse contato partilhado importante. Defende-se em suas noções, que, se deixar afetar pelas experiências, pelos vínculos criados, fomenta o conhecer, ajuda a compreender aquilo que se quer descobrir. Trago uma trajetória como pesquisadora e estudante de Ciências Sociais, mas também como uma mulher preta, periférica e candomblecista, e ter essa identidade me permite criar devoluções e ter interpretações que talvez outros pesquisadores que não tenham essa mesma bagagem consigam.

A pesquisa foi realizada, em sua maior parte, na cidade de Ituiutaba MG, tendo também influências esporádicas de Uberlândia, uma das cidades de maior referência congadeira das terras mineiras. O andamento do projeto cruzou com a data do festejo de Ituiutaba, sempre realizado no mês de maio, já que em Uberlândia acontece no antepenúltimo mês do ano, outubro.

Durante a pesquisa, reuni informações teóricas por meio da leitura de artigos, dissertações, obras de estudiosos voltados às perspectivas negras como um todo, além claro, de buscar por pesquisas anteriores sobre o Congado mineiro. No mais, a técnica de pesquisa foi expressamente voltada ao método qualitativo, pois foi necessário abarcar vários tipos de abordagens, reunindo registros audiovisuais, fotografia, observações dos eventos via mídias sociais e em campo. Os materiais reunidos a partir de outras pesquisas abrangem um longo período, com registro de longa data, enquanto a presente pesquisa direciona-se para os anos de 2023 e 2024. Desta maneira, entrevistei alguns congadeiros em ambos os municípios, mas tive maior oportunidade com o terno de Ituiutaba, Moçambique Camisa Rosa com dois capitães especificamente - e por este motivo é que um dos membros do terno aparece repetidamente em alguns momentos da dissertação.

O ensaio etnográfico foi trabalhado em cima de falas, reflexões dos dançadores, que para nossas tradições pretas têm um significado um pouco diferente se comparado às compreensões eurocêntricas, pois é evidenciado por uma das maiores heranças deixadas pelo povo preto ancestral em cenário de diáspora: a *oralidade*.

Abordando brevemente, Antônio Bispo dos Santos, em sua obra “A terra dá, a terra quer” (2023), ensina que a oralidade é um fator “necessário” e não “importante” para os povos quilombolas, mostrando que o mundo das “escrituras” chegara dilacerando o que tinha de mais valioso, e por parte do sistema, tornando os mestres e as mestras da oralidade ‘desnecessários’.

Bispo associa o mundo das escritas ao comércio, à acumulação que os ‘povos da cidade’ têm por costume, ao processo encabeçado no capitalismo. Desta maneira, o ancião enfatiza: “No quilombo, contamos histórias na boca da noite, na lua cheia, ao redor da fogueira. As histórias são contadas de modo prazeroso e por todos. Na cidade grande, contudo, só tem valor o que vira mercadoria. Lá não se contam histórias, apenas se escreve: escrever histórias é uma profissão”¹. Trago essas menções de Bispo, pois sua maneira de enxergar cruza com o que pude conhecer transitando entre algumas comunidades negras, principalmente em contexto congadeiro.

Inclusive, em meio ao letramento que Nêgo Bispo dá ao leitor, ele continua a dizer, que, dentre a comunidade quilombola existem trocas orgânicas, saberes compartilhados, sem que se caia nas armadilhas da mercantilização que a colonização emprega. Como exemplo, cita o Congado: “Ninguém sabe quem compôs as cantigas do Congado, não existe uma patente, todo mundo pode cantá-las. Todo mundo pode tocar as caixas do Congado nos ritmos e nas músicas que o povo compôs. Não se sabe a autoria da maioria das cantigas cantadas no quilombo. Um artista dos nossos uma vez explicou que não escrevia para vender: “Escrevo para o povo cantar, se você quiser cantar, que cante, a música está aí. Por que você precisa comprar uma música para cantar se todo mundo já está cantando: Cante a música, moço!”².

Embora o escritor compartilhe as vivências quilombolas de sua terra e dê de exemplo a forma como sua comunidade é referente ao uso das cantigas e instrumentos presentes no ‘congo’, no nosso contexto de quilombo urbano - como alguns moçambiqueiros definem os agrupamentos da festividade santa -, não flui exatamente dessa forma, e assim seguiremos para entender como acontece por aqui e como os grupos reagem com essas trocas dentre outras mais. Com isso, são maneiras de enxergar possíveis, de encontrar e reencontrar dentre os grupos tradicionais negros espalhados pelo Brasil.

¹ Bispo. 2023, p. 25.

² Ibid. 2023, p. 22.

Por certo que essa discussão sobre a oralidade poderia sobressair-se em meu trabalho e faria com muito gosto, mas meu intuito é apenas frisar (e não destrinchar), uma das heranças mais valiosas que os anciãos pretos nos deixaram e que perpetua em comunidades congadeiras, de terreiros, etc. Dito isso, não será um assunto pensado mais profundamente neste trabalho.

Eu, como uma estudiosa preta e dos campos de estudos da população afrodiáspórica, tenho por vontade e apreço, deixar este documento para enaltecer nossa história como povo em âmbito acadêmico e fomentar uma contribuição para quem vem pela frente.

Para este ensaio etnográfico foram elaboradas quatro partes. Na primeira, apresento um pouco do contexto histórico do Movimento Negro brasileiro, pois nos ajuda a compreender parte das movimentações da população negra ao longo da história. Na segunda parte, venho abordando meus primeiros contatos com o Congado, trazendo minha vivência na cidade de Ituiutaba, onde nasci, e fazendo um apanhado da minha trajetória espiritual, a qual me despertou para os estudos sobre raça. Objetivei, também, abordar meus primeiros contatos com o Congado de Uberlândia, haja vista que é a cidade onde moro atualmente, e que me permitiu dimensionar as Congadas de maneira mais ampla e amadurecida.

Na terceira parte, proponho compreendermos como poderia se dar a relação entre Congado e Movimento Negro, pensando em como ocorreu a inserção do negro na sociedade civil, e como, posteriormente, o Movimento Negro Unificado de 1978 buscou ajudar com a “Carta Aberta”, a qual impulsionava os negros a formarem “Centros de Luta”, onde poderiam discutir suas demandas e lutarem por suas reivindicações dentro de seus próprios espaços (bairros, vilas, escolas...). Interligado aos centros de luta, abordo as “Formações Sociais Alternativas” de Lélia Gonzalez, as quais apontam as diferentes respostas ao regime escravista (quilombos, irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, terreiros de matrizes africanas, etc). Em seguida, descrevo brevemente o que são as Irmandades Negras no Brasil, rememorando como surgiram as irmandades de Ituiutaba e Uberlândia, seguindo os registros dos dançadores e dos registros oficiais.

No mais, descrevo meu contato com o campo de pesquisa, falando sobre minhas experiências com a Festa do Congado de Ituiutaba 2024, e não menos importante, transcrevo as importantíssimas considerações dos moçambiqueiros do terno Moçambique Camisa Rosa, o qual acompanhei durante todo o festejo, e, dos congadeiros do terno Congo Raízes de São Benedito.

Por meio, sigo trazendo contribuições dos dançadores, dessa vez com o terno Moçambique Lua Branca, também de Ituiutaba, porém correlacionando aos eventos de Uberlândia. Nessa parte abordei as atividades da comunidade congadeira juntamente à comunidade de terreiro, que significativamente estão associadas – muitas vezes o membro do ‘congo’ é o mesmo membro do terreiro, e responde por ambos. Exemplo: Cerimônia da Lavagem da Praça do Rosário, que deu início aos festejos do Congado de Uberlândia em 2024. A iniciativa parte do terno Marujos Azul de Maio com a Igreja do Rosário, a liderança do terno é liderança de um terreiro.

Por fim, com a parte quatro, direciono para todas as reflexões que consegui com o Capitão Matheus do terno Moçambique Camisa Rosa, pois foram reflexões longas e contemplativas, que abordam o contexto do Congado como movimento político, religioso e mais.

1. CONHECENDO A FORÇA E A HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO

Iniciei a pesquisa bibliográfica para este trabalho debruçando-me sobre as conjunturas do Movimento Negro brasileiro, que, por uma série de motivos, eu desconhecia até ter acesso à historicidade. Antes de embarcarmos nas conjunturas do Congado, gostaria de apresentar caminhos para que os leitores se sintam confortáveis e não se percam na cronologia do tema, que inicialmente, antes de pensar no Congado, tinha o intuito de compartilhar. De toda forma, **é importante perpassarmos a história do Movimento Negro deste país para compreendermos como surge o reconhecimento social da atuação política e institucional de “formadores sociais” como o Congado.**

O Movimento Negro tem seu papel fundamental na busca por direitos políticos, o qual inclui-se reivindicações, luta por autoafirmação e inclusão, dentre outras pautas, que em suma, são relevantes para a população afrodescendente. É a partir dos movimentos sociais, principalmente os de cunho historicamente conflituosos, como ocorreu com a população negra – e onde ocorreu a formulação das várias vertentes de Movimento Negro –, que a mobilização política vem definindo quais são as demandas que serão traduzidas para reivindicações e

disputas nessa esfera, e quais serão traduzidas em ações efetivas para algum tipo de mudança sobre determinado grupo e/ou assunto.

A vida dos negros em tentativa de integração social perpassava problemáticas significativas à parte. Para além de se preocuparem com ocupar seus espaços, estavam lutando por meios de sobrevivência. O que ocorreu ao longo da história foi que por ter a necessidade de se ter recursos morais e materiais, justamente o que os negros não tinham com todo o processo histórico impregnado pelo racismo, tendenciou-se uma entrada nas conjunturas sociais de forma não vantajosa.

O Movimento Negro é uma pauta estudada por diversos estudiosos, sendo alguns deles: José Correia Leite (1900), Abdias do Nascimento (1914), Lélia Gonzalez (1935), Joel Rufino dos Santos (1941), Petrônio Domingues (2007) e muito mais outros. Ao longo do importante artigo intitulado “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos” proposto por Petrônio Domingues, é parafraseado uma definição atribuída por Joel Rufino dos Santos, compreendendo-se que, o Movimento Negro acende por meio de **“todos os movimentos que organizem em qualquer tempo e aspecto sob qualquer rubrica descendente de africanos no Brasil”** (p. 102). Domingues aponta então, que este trecho faz referência às histórias das **“irmandades negras”**, aos terreiros de candomblé, à capoeira e até às escolas de samba, embora ele não se aprofunde nesses exemplares.

Domingues (2007) em seu apanhado traz as fases do movimento negro organizado, perpassando toda a República entre os anos 1889 e 2000, com as etapas, os atores e suas propostas. Com isso, é possível compreender em como o Movimento Negro vem desenvolvendo diversas estratégias de luta contra a discriminação racial e a inserção do negro na sociedade. A História enquanto ciência nos ajuda a nos localizarmos, refletindo que, antes mesmo do Movimento Negro tomar caráter exclusivamente político, já existia. Pois, é importante que se reconheça que muito foi desenvolvido, antes mesmo de se tornar institucional. Foi preciso que as pessoas que vieram antes se mobilizassem para que seus ideais chegassem nos anos posteriores. É o que a primeira fase do Movimento Negro analisado pelo estudioso nos mostra.

A abolição da escravidão aconteceu no ano de 1888 e um ano após a data foi proclamada a República no Brasil. Embora tenha sido um marco na história, não se tiveram ganhos materiais e nem simbólicos para a população negra. Foi neste mesmo período que foram

percebidas algumas mobilizações que deram início ao movimento negro que o autor já chama de “organizado” politicamente, começando com a iniciativa dos libertos, ex escravizados e seus descendentes, mobilizado através de dezenas de grupos, como grêmios, clubes e/ou associações presentes em alguns estados do país (lembremos das articulações ainda dentro das senzalas, sobreviver já era um ato político). São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina são alguns dos lugares que tiveram representações. Duas dessas frentes, situadas em São Paulo, tiveram um bom reconhecimento, que foram o Grupo Dramático e Recreativo Kosmos e o Centro Cívico Palmares, fundados em 1908 e 1926, respectivamente. Eram de cunho assistencialista e que acumularam um número significativo de colaboradores. Foi na década de 1930 que o Movimento Negro teve um salto representativo com a presença da Frente Negra Brasileira (FNB), tendo fundação em 1931 na cidade de São Paulo. Foi considerada a continuação, a sucessora do Centro Cívico Palmares de 1926.

Segundo o artigo, essas foram as primeiras organizações negras com reivindicações políticas mais deliberadas. A FNB foi a entidade negra mais cogitada na primeira metade do século XX, se expandindo por meio de “delegações” e grupos homônimos em vários estados do Brasil. Movimentou números e números de negros, conseguindo levar o nome do Movimento Negro para o movimento em massa, superou o número de 20 mil associados. A Frente Negra Brasileira desenvolveu uma significativa organização, mantendo escola, departamento jurídico, serviços médicos, cursos de formação política, grupos de artes e mais. Inclusive, chegou a se transformar num partido político e pretendia participar das eleições, a fim de capitalizar o voto da “população de cor”. A entidade chegou a ser reconhecida por Getúlio Vargas tendo algumas de suas reivindicações atendidas, como “o fim da proibição de ingresso de negros na guarda civil de São Paulo”.

Vale ressaltar que, além da Frente Negra Brasileira, outras entidades surgiram com o propósito de promover a integração do negro na sociedade, dentre as quais uma de Uberlândia também se destaca, a Legião Negra de 1934. Perpassando a segunda fase do MN, abarcada juntamente ao momento da ditadura militar, foram anos de vigência do Estado Novo (1937-1945), caracterizados pela repressão política violenta, inviabilizando qualquer movimento contestatório. As articulações do Movimento Negro desde a primeira fase até certo ponto, foram de instabilidades, porque sua atuação passou por engajamentos e pausas simbólicas, sequencialmente. Com a queda da ditadura “varguista”, ressurgiu na cena política do país o movimento negro organizado, mais uma vez, de forma mais amplificada em seu raio de ação.

Houve um aumento nos protestos negros por motivo da discriminação racial que se intensificava e tornava-se problemática a cada ampliação nos mercados, e consequentemente, com a competição.

De outra forma, os estereótipos e discriminações continuavam perseguindo os negros e depois parte da população negra continuava marginalizada em favelas, “mucambos” e na agricultura de subsistência. Uma das principais organizações da época foi a União dos Homens de Cor, que tem a sigla UHC como referência, foi fundada por João Cabral Alves na cidade de Porto Alegre, em 1943. Em seu estatuto, a entidade declarava que seu intuito central era “elevar o nível econômico e intelectual dos negros em todo o território nacional, pra torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em sentido de todas as atividades distribuídas a todos os setores”. A UHC era organizada por uma estrutura complexa atribuída a cargos de presidente, secretário-geral, inspetor geral, tesoureiro, chefe dos departamentos (saúde e educação), consultor jurídico e conselheiros ou diretores. Tinha-se representantes em pelo menos 10 estados incluindo Minas Gerais, estando presente até mesmo em inúmeros municípios de interior; ocorrendo na segunda metade da década de 1940. Sua atuação estava presente em debates na imprensa local, publicações de jornais próprios, serviços de assistência jurídica e médica, aulas de alfabetização, ações de voluntariado e participação em campanhas eleitorais. Esta organização também teve ligação direta com o presidente Getúlio Vargas obtendo suas “conquistas”.

No ano de 1944, tinha-se um agrupamento importante para a história do Movimento Negro no Brasil, que tinha Abdias do Nascimento (1914) como principal liderança, fundado no Rio de Janeiro e chamado de Teatro Experimental do Negro, conhecido como TEN. A proposta inicial era criar um espaço direcionado para atores negros, porém, ao longo de seu desenvolvimento adquiriu um caráter mais amplo tendo publicado o jornal “Quilombo”, que passou a oferecer cursos de alfabetização; fundou o Instituto Nacional do Negro, o Museu do Negro e organizou o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro. O TEN buscou defender direitos civis dos negros associados aos direitos humanos e buscava pela criação de uma legislação antidiscriminatória. Neste sentido, a organização alcançou espaço internacional influenciando em demandas de luta no continente africano e só foi extinto em 1968 com Abdias do Nascimento partindo para o autoexílio nos Estados Unidos. Lélia Gonzalez (1935) significou o TEN como um grande avanço no processo de organização da comunidade negra.

Já na terceira fase do Movimento Negro entre os anos 1978 e 2000, teve-se o processo de desarticulação do Movimento Negro, pois com o golpe militar de 1964, representou uma derrota, mesmo que temporária para a luta política dos negros. O movimento negro organizado entrou em refluxo e se viu à mercê dos militares ao estigmatizar e acusar os militantes em criar um problema que supostamente não existia, “o racismo no Brasil”. Dada época em que a dita democracia racial, muito explorada por Gilberto Freyre (1987), estava em evidência - foi uma grande falácia.

De acordo com Gonzalez, a repressão desmobilizou as lideranças negras, lançando-as numa espécie de “semiclandestinidad”. Diz-se que a discussão pública sobre as questões raciais foi banida naquele período. Mesmo com o momento delicado que o Movimento Negro vinha passando, as atividades não foram deixadas de lado, alguns grupos negros foram se manifestando sorrateiramente. Muitas articulações foram reorganizadas a partir de movimentos populares, sindicais e estudantis, com início em 1970. Muitos eram, principalmente, estudantes e artistas que formaram o Centro de Cultura e Arte Negra, abreviado por CECAN, em São Paulo no ano de 1972. Aos poucos a imprensa foi aparecendo também e outras entidades foram criadas, como o IPCN, Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, em 1976.

No entanto, essas atividades não tinham um sentido político de enfrentamento ao regime imposto. Foi somente em 1978, que a cena veio a tomar um outro rumo com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU). O Movimento Negro Unificado adquiriu forte influência em se projetar numa luta radicalizada contra a discriminação racial com referência no que vinha acontecendo com a atuação dos protestos negros contemporâneos em luta pelos direitos civis dos negros estadunidenses, onde evidenciaram-se lideranças como Malcolm X e Martin Luther King, dentre outras organizações negras de cunho marxista, como os Panteras Negras. E ainda, em outros movimentos de libertação de países africanos, sobretudo os de língua portuguesa, como Moçambique, Angola e Guiné Bissau.

No embrião do “novo” engajamento do Movimento Negro, um grupo de militantes entendiam que a luta antirracista tinha que ser trabalhada conjuntamente à luta anticapitalista, pois para eles, o capitalismo era o sistema que embasava e se beneficiava do racismo, e era somente derrubando o mesmo que seria possível uma consequente construção de uma sociedade igualitária. O Movimento Negro Unificado em seu plano interno tinha a base estruturada numa condição marxista de orientação trotskiana, a Convergência Socialista, que foi uma escola de formação política e ideológica de muitas lideranças importantes nessa nova

fase do MN. A política que associava raça e classe atraiu ativistas que contribuíram expressivamente para a existência do MNU, sendo alguns deles: Flávio Carrança, Hamilton Cardoso, Milton Barbosa, Neuza Pereira e mais. Entre os anos de 1977 e 1979, foi formulada pela Convergência Socialista, um jornal que se chamava “Versus”, que destinava uma coluna para o núcleo socialista negro descrever seus estudos conclamando suas ideias em combate ao racismo e ao capitalismo, a Afro-Latino América.

Mais tarde, com a rearticulação do Movimento Negro numa reunião em que abarcava diversos grupos e entidades negras, em junho de 1978 em São Paulo, decidiu-se criar o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), que teve sua primeira atividade organizada em ato público, em repúdio às violências raciais sofridas por quatro jovens no Clube de Regatas Tietê e em protesto à morte de um homem negro, trabalhador e pai de família, torturado até a morte no 44º Distrito de Guaianazes. O ato aconteceu em São Paulo no Teatro Municipal reunindo cerca de duas mil pessoas. Com isso, foi considerado o maior ato e avanço político articulado pelos negros na luta contra o racismo até então.

Em 23 de julho de 1978, foi feita a primeira Assembleia Nacional de Organização e Estruturação da entidade, onde se discutiu como seria a sigla do movimento, que logo assumiu-se a palavra “negro” em seu registro. Assim, a entidade passou a ser chamada de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR). Junto, no mesmo ano, foram aprovados o Estatuto, a Carta de Princípios e o Programa de Ação, reunindo delegados de vários estados. Reconhecendo que a luta principal do movimento se ajusta a pauta contra a discriminação racial, foi simplificado para Movimento Negro Unificado novamente, sendo então, MNU.

No Programa de Ação, de 1982, defendia-se a desmistificação da democracia racial brasileira, a organização política da população negra, a transformação do MN em movimento de massas, a formação ampla de alianças na luta contra o racismo e exploração do trabalhador, a organização nos sindicatos e partidos políticos, a introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, a organização para enfrentar a violência policial e muitas outras reivindicações. Em meio a isso, como colocado por Petrônio Domingues (2007), foi distribuída à população uma **Carta Aberta**, que estimulava os negros a formarem “**Centros de Luta**” que pudessem discutir suas demandas e lutar dentro de seus próprios espaços, colocando-se nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de Candomblé e Umbanda, nos locais de trabalho, nas escolas e em muitos outros locais, a fim de organizar formas de embate

contra a opressão racial, a violência policial, o desemprego, o subemprego e a marginalização da população negra.

O Movimento Negro Unificado foi o articulador que trabalhou na questão da ressignificação da palavra “negro” no Brasil, tirando a conotação pejorativa que se perdurava em torno do sentido da palavra. Os ativistas assumiram o termo em forma de orgulho e expandiram o novo sentido, isso no intuito de incentivar o negro a assumir sua condição racial. Desta forma, denominações como “homem de cor” foram praticamente proscritas. Além do mais, o MNU veio atuando para uma mudança na educação para que se incluísse os afrodescendentes às instituições de ensino a partir do letramento histórico e racial da população negra.

Na terceira fase, ainda foi pensado nas questões da mestiçagem, que para o Movimento Negro, apresentava-se como uma armadilha ideológica alienadora. A ideia era de que a mestiçagem sempre teria cumprido um papel negativo de diluição da identidade do negro no Brasil. Para os ativistas desse período, o mestiço seria um entrave para a mobilização, pois historicamente, para eles, a mestiçagem estava a serviço do branqueamento.

Lélia Gonzalez pertenceu ao MNU e nos trouxe, neste sentido, uma das concepções do que é o Movimento Negro, discutindo se podemos descrevê-lo como singular ou plural, haja vista que se trata de um conjunto de complexidades. A intelectual pontua que não podemos ter uma visão unitária ao falar sobre o tema, pois existem variantes. Ao pensar nas pessoas negras, ao simplesmente observá-las em sociedade, em suas funções e características, é possível encontrarmos divergências, justamente porque a população negra não se constitui num bloco monolítico (GONZALEZ, 1982, p.18).

Quando voltamos ao contexto histórico já vivido, refletindo sobre a quantidade de negros traficados para o Brasil, acerca da diversidade, do multiculturalismo, presente nesses grupos – já que se trata de povos iorubás, malês, angolanos, congoleses, daomeanos, moçambicanos, ganenses, dentre vários outros –, é impossível não pensarmos na multiplicidade. A escravidão fez de tudo para reduzir os negros, trazendo a “ilusão de igualdade”, muitas vezes passando despercebido por nós mesmos, e pela sociedade brasileira como um todo. Para mais, Gonzalez nos traz a reflexão sobre os quilombos enquanto **“formações sociais alternativas”**, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São

Benedito, como exemplo, o Candomblé e a participação em movimentos populares adjacentes são diferentes tipos de respostas ao regime escravista.

2. PRIMEIROS CONTATOS COM O CONGADO

Não me lembro em qual ano exatamente foi que os tambores ressoaram em meus ouvidos enquanto morava na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, região pontal do Triângulo Mineiro. Ituiutaba é minha cidade de origem. Morei muitos anos na rua 7 de setembro do bairro Alvorada com meu pai, numa casa de andar como um sobrado, e que todas as manhãs por um determinado período acordava às seis/sete da manhã ouvindo um ressoado distante de muitos tambores, como quem estivesse sendo acordada por uma festa Ancestral, cheinho de pretos de altura alarmante dançando em conjunto. Morei com minha mãe até os meus seis anos de idade, logo em seguida fui morar com meu pai – momento em que eles terminaram o casamento – e foi a partir daquele momento que vivenciei muitas manifestações espirituais despercebidas e/ou não identificadas, que hoje tendo vinte e cinco anos de idade, consigo entender o que poderiam significar. Por assim dizer, as expressões consideradas fenomenológicas ocorridas ao longo de minha trajetória sintetizam grande parte das minhas experiências, e mesmo que isso pareça, para alguns, sem sentido, é uma forma de enxergar o mundo (Peter Gow citado por GOLDMAN, 2003, p. 449).

Ao começar meu trabalho de campo e minhas leituras, me vi prontamente associando-me a essa trajetória pessoal de vida, aos primeiros contatos com o Congado, portanto, existe uma aproximação minha com o tema escolhido. A pesquisadora é “compartilhante”, alguém que carrega subjetividades, histórias e relações, e neste meio, não houve um choque cultural, mas sim uma “confluência” (BISPO, 2023). A confluência se justifica nessa relação do universo do pesquisador com o universo pesquisado, considerando que, a minha vivência como pesquisadora vai de encontro com as vivências pesquisadas, e na prática, essa relação se dá diretamente e indiretamente pela questão racial.

Quando tive a oportunidade de conversar com meus interlocutores da cidade de Ituiutaba, um dos moçambiqueiros que conversei disse: “é muito importante que pessoas como nós estejam dentro das universidades falando sobre nossas pautas, culturas, religião... eu quero

entrar lá para isso, para levar o Congado para a universidade, já estou me organizando para fazer as provas de ingresso, tenho muito interesse...”. Essa confluência entre mim e meu entrevistado exemplifica a relação que me torna mais próxima com a própria pesquisa, resultando e facilitando no trabalho da etnografia. Até porque, essa junção de informações é o que contribui para o interesse que se coloca sobre a etnografia e que consequentemente colabora para o modo como será aplicado e implementado ao trabalho de campo, dando embasamento para o trabalho do pesquisador.

A minha aproximação com o campo, principalmente por também pertencer a uma das tradições de matrizes africanas presentes em solo brasileiro, e assim partilhar e compartilhar dos “mesmos” e/ou parte dos conhecimentos, me possibilitou uma maior abertura de informações, muitas das quais só foram reveladas por esse motivo - assim foi dito claramente a mim por uma outra congadeira. Diferente, por exemplo, da experiência descrita por Roy Wagner em sua obra “A invenção da cultura” (1975), em que ao longo do processo de estudos com os Daribi, se viu em vários momentos sendo contraposto, causador de curiosidades, questionamentos, e que como consequência tornou sua pesquisa uma troca de experiências, tendo em vista que os Daribi começaram também a observar, “entrevistar”, para entender a procedência desse pesquisador. Wagner, em sua interação, conquistou a solidariedade e a cordialidade de seus investigados, muito por causa de suas ações e dificuldades, na presença do campo. Logo, foi assim que ele conseguiu suas inspirações para escrever sua etnografia.

Essa relação entre ambos reflete na observação participante a partir da perspectiva de Tim Ingold, que defende ser uma forma de estudar “com” as pessoas e não um estudo “de” pessoas. “Não se trata de descrever outras vidas, mas de unir-se a elas na tarefa comum de encontrar formas de viver” (2019, p. 13). E completa dizendo que é necessário “levar os outros a sério”, não somente no sentido de atentar-se para o que os entrevistados dizem ou fazem, mas sim de encarar os desafios que eles colocam a nós pesquisadores, sobre nossas concepções de como as coisas são, o tipo de mundo que vivemos e como nos relacionamos com ele. Sendo assim, temos o direito de discordar, mas não de fugir dos desafios.

Isto posto, em sentido ambivalente, a relação próxima com o contexto do campo, minhas ligações mais profundas com o trabalho, fomentou e abriu mais portas para a obtenção de respostas e trocas, e se tornou o fator crucial para a sua realização.

Transcrever passagens de vida, repensando e revisitando memórias, me conectou a uma menção de Marcio Goldman, a qual define de modo informal sua técnica de pesquisa para colher informações a longo prazo: a “cata folha”. Expressão essa que aprendeu numa casa de candomblé no Sul da Bahia. Ou seja, “catar folha” se dá em: “alguém que deseja aprender os meandros do culto deve logo perder as esperanças de receber ensinamentos prontos e acabados de algum mestre; ao contrário, deve ir reunindo ("catando") pacientemente, ao longo dos anos, os detalhes que recolhe aqui e ali (as "folhas") com a esperança de que, em algum momento, uma síntese plausível se realizará” (2003, p. 455). Portanto, percebo um sentido significativo nesse aprendizado que Goldman teve com sua etnografia. Penso que meu trabalho só teria sentido se buscado profundamente em sua essência, indo por minhas próprias experiências e da mesma forma, seguindo as observações que me conectassem ao propósito do estudo. No meu caso, o mestre, não só simboliza como é a minha mãe, que até certo ponto me transmitiu suas memórias e conhecimentos. De outro modo, pacientemente, precisei organizar minhas vivências e lembranças ao longo da pesquisa para que elas complementassem plausivelmente os desdobramentos dessa discussão.

Voltando ao que contava sobre o barulho dos tambores: era interessante, porque aqueles barulhos, vez ou outra, eram entendidos como os sons do movimento das pessoas lá no centro da cidade e me questionava se estava tendo algum problema, alguma alucinação. Pensava comigo mesma. Mas, no fim das contas acabava me apegando de que eram os barulhos dos tambores do ‘congo’ mesmo – poderia ser a imaginação de uma criança apenas.

Lembro-me que uma vez questionei ao meu pai se era todo dia que o pessoal do ‘congo’ “batia tambor” e a resposta era “não” ou um “acho que não”, principalmente porque as celebrações aconteciam em maio, então não teria motivo para ouvir em vários momentos do ano os mesmos sons e naquele mesmo horário. Embora sim, ao longo do ano acontecem algumas atividades. Era inevitável a cara de desentendido de meu pai quando falava sobre isso e sempre se saía pela culatra, como os mais velhos diziam antigamente. Se saía de fininho.

Para além dessa memória que sempre se faz presente, me lembro também de um momento que ficou marcado – acredito que cabeça de criança consegue guardar mais coisas do que a cabeça de um adulto –, e tenho a lembrança muito forte de um dia nas redondezas da praça da Fundação Zumbi dos Palmares, também em Ituiutaba, ver um enorme agrupamento de ternos seguindo para as ruas. O principal, que me chamou a atenção, era de uma vestimenta amarela mais voltada para o dourado, talvez com um mínimo de verde. Tinham pessoas

conhecidas e um deles era Paulo, filho da mãe de terreiro Dona Maria José, da casa de caridade “Vó Maria Conga e Obaluayê”, que ajudou a criar minha mãe enquanto vivia entremeio os becos rurais do bairro Santa Maria – atualmente esse bairro se tornou um local urbano bem estruturado. Hoje, muito provavelmente, Dona Maria José é uma das mais velhas da cidade em atividade com seu terreiro e acredito que ela ainda dance ‘congo’ neste mesmo terno, o terno Congo Real, que eu soube o nome mais tarde. Como se fosse hoje, vejo a imagem de Paulo, jovenzinho e com a vestimenta vibrante em amarelo dourado, sorrindo e brincando com a caixa pendurada em seu corpo. Eu estava sentada nos ombros de meu pai como de costume, talvez tivesse uns quatro anos de idade.

É importante colocar que o barulho de tambor que falamos e conhecemos popularmente, é o barulho das caixarias. Friso isso, pois alguns dançadores deixaram isso claro em suas falas e intenções de desmistificar a ideia que se tem sobre o entoado desses instrumentos. Muitas pessoas reproduzem uma estigmatização histórica e estrutural das culturas e tradições pretas. E em meio a isso, nem tudo o que parece ser, é.

Os anos se passaram e pouco tive contato direto com os ternos da minha cidade, embora já tivesse ouvido falar da maioria através de amigos e por velhas histórias contadas por minha mãe.

No ano de 2013 para 2014 vim morar na cidade de Uberlândia, também na região do Triângulo Mineiro – 160km de Ituiutaba. Já tinha alguns anos que minha mãe tinha saído de Ituiutaba e o lugar escolhido para se instalar foi Uberlândia. Durante minha infância, não tive tantos contatos com a cultura e a religiosidade afro-brasileira conscientemente, pois do contrário, estava a todo tempo próxima devido à convivência de minha mãe, que mesmo não intencionalmente transmitiu influência. Antes, como coloquei, vivenciei muitas manifestações brandas com relação à espiritualidade, de uma forma que não me levasse a compreender o que era de fato. Vindo morar com minha mãe tudo se intensificou, foi de um jeito realmente brusco que mudou todos os rumos da minha vida.

Para alguns e principalmente para mim, a vida material está diretamente ligada à vida espiritual, pois é muito certo que o sobrenatural consegue interferir nos rumos da vida terrena, por assim dizer. Pode não ser para todos os seres humanos, mas há àqueles escolhidos, destinados.

Quando me juntei à minha mãe, tive muitos problemas de saúde que nenhuma medicina resolvia. Inicialmente foram problemas comuns, como enxaqueca e problemas no estômago. Depois, acontecimentos infundados, do tipo, um vento bater no olho como uma poeira e danificar os olhos, sem nenhuma ventania ou automóvel passar para que pudesse surgir o vento – isso aconteceu comigo numa esquina das ruas do bairro Tocantins em Uberlândia. Chegou num certo momento, em anos seguintes, que a situação foi-se prolongando, principalmente no ano de 2015 em que estive no interior da Bahia à procura de minha avó materna que estava desaparecida há 35 anos.

Em meio a procura pelo paradeiro de minha avó, estivemos numa cidade chamada Mundo Novo, onde, segundo minha família, existiu uma ancestral nossa, uma tia-avó, que era matriarca de terreiro chamada de Dona Zefa. Ao trafegar por muitos municípios baianos, e chegando primordialmente na cidade de Piritiba, onde está realmente situada a maior parte de minha raiz familiar materna, foi quando tudo começou a realmente mudar. A partir daquele momento comecei a me ligar ao mundo espiritual de uma forma que ninguém sabia falar. Faltavam muitos quilômetros para chegar em Salvador para que pudéssemos ter contato com o mar, mas por algum motivo, o Orixá Yemanjá surgiu em minha mente como que alguém tivesse me sentado numa cadeira e tivesse feito uma lavagem cerebral. Neste momento eu já era filha desse Orixá e não tinha quem mudasse e me tirasse isso.

Tudo seguiu se tornando mais forte, quando depois, no próximo ano, segui para o Sul da Bahia, Itabuna e Ilhéus, e conheci uma “titia da Bahia”, Mãe Bezinha do Acarajé (Mamet’u Jidelewá), a qual me recebeu muito atenta e pediu para que eu tirasse os óculos de grau que usava para que ela pudesse ver quem eu trazia em minha frente. Nunca me esqueço de suas palavras: “vá, tire seus óculos pra mãe ver quem você traz”. Olhando em direção ao meio da minha testa tornou a dizer: “Já levou um presente ao mar? Pois leve, sua Mãe é Yemanjá!”. Aí eu lhes pergunto: como eu saberia disso antes, que meu Orixá é Yemanjá? Um amigo sempre diz que esse tipo de coisa é “mistério”. E há de ser mesmo, não há explicação.

Foi em meados de 2015 e 2016 que comecei a buscar maiores referências, compreensões mais profundas acerca das tradições de matrizes africanas. Foi exatamente no meu pior momento, pois ali eu já estava sofrendo arduamente com os problemas do “Além” que me deterioravam. Eu já estava sendo tomada por inúmeros espíritos de baixa energia, os quais me deixavam muito doente. Mas obtive conhecimentos que até hoje não compreendo como foi que consegui com tanta facilidade, sem nem mesmo ter pisado num terreiro para tanto

– os mais velhos dizem que é um saber ancestral e que quem é, não precisa de muito para aprender. Certamente isso vem como uma memória de tempos não lembrados. E para além, gostaria mesmo é de um dia entender o porquê de tanto sofrer pelas histórias do povo preto, o porquê de tanta ânsia de choro, arrepios e conexões com o meu povo. Me questiono o porquê de estar escrevendo sobre isso agora, por exemplo. No fundo eu sei que tenho um dever com meus ancestrais e antepassados, certamente com quem vem pela frente. Mas é intrigante.

Com todos os problemas também veio desenvolvimento pessoal e intelectual. Junto de todo o processo espiritual acarretado em minha vida, em 2019 fui iniciada no Candomblé de nação Ketu - que desconfio muito que foi uma forma de Orixá me preparar para a jornada que trilharei e que já estou trilhando de certa forma. Foi nesse exato momento que as pautas do povo preto começaram a me interessar mais, foi como se um gênio da lâmpada tivesse acendido uma luz e tivesse dito: “É por isso que você não se identificava ali, tem isso aqui que é seu e dos seus. Aproveite!”. Através da minha Ancestralidade me reconheci de fato como uma pessoa preta no mundo e conseqüentemente tive os olhos abertos para muitas questões.

É fato que os diferentes estados do Brasil têm uma forte e expoente contribuição africana, mesmo aqueles que não são vistos com tanta facilidade os resquícios que ficaram marcados em cada canto em que pisaram. Isso conseguimos identificar nas manifestações populares, na religião, na música, na dança, no linguajar, na culinária, nas vivências e na cultura brasileira como um todo. Neste contexto, o Congado é uma manifestação religiosa e cultural afrodiáspórica presente em alguns estados do Brasil, mas estou para dizer, que as Congadas de Minas Gerais, especialmente a do Triângulo Mineiro, tem uma especificidade incomum, principalmente pela forte influência dos terreiros de matrizes africanas presentes no corpo de cada terno - embora muitos adeptos não identifiquem essa mistura com clareza.

A religião e a cultura afro-brasileira marcante do Triângulo Mineiro, talvez de Minas Gerais toda, a meu ver, é o Congado, como que o Candomblé e a Lavagem do Bonfim estão para a Bahia, lá em Salvador. Para quem é de Ituiutaba, Uberlândia e região, é normal conviver com a presença do Congado, principalmente por ele dar base à construção de cada indivíduo adepto. O Congado é uma manifestação que enfatiza a identidade e o reconhecimento do povo preto, dentre inúmeros outros pontos importantes para o negro em sociedade.

Fui criada livre para escolher a religião que eu quisesse, no entanto, minha mãe sempre dizia que eu não poderia ser uma “pagã”, tinha que ter uma religião de qualquer forma. Quando

nasci, no mesmo dia em que saí do hospital, fui batizada na Igreja Católica sob as bênçãos de Nossa Senhora de Aparecida. É uma crença que os antigos do meu conhecimento têm, de que era importante batizar as crianças logo após o nascimento para que fossem protegidas, entregando-as um escudo de proteção contra os maus espíritos. Isso, também, podendo ocorrer nas fogueiras de Santo Antônio, São João e São Pedro. Têm alguns ternos que se associam a essa prática e levam a tradição para os cultos congadeiros. Inclusive, minha mãe não foi batizada na igreja, foi batizada nas fogueiras e na época, durante seu batismo, teve a presença de um terno, pois a zeladora de santo que a batizou pertencia e ainda pertence ao Moçambique Congo Real de Ituiutaba.

Apesar disso, hoje brincamos entre nós que não adiantou de nada para mim. E a realidade é que não adiantou muito mesmo para aquilo que seria necessário dentro da nossa compreensão. No meu ponto de vista, sem excluir o contexto histórico e social, mas pensando por uma visão espiritual neste caso, cada ser humano vem a terra para seguir seu destino, seguir um caminho atrelado a um tipo de crença, a qual irá alimentar sua luz se assim for. Não é à toa que existem inúmeros tipos de religiões pelo mundo. Cada um tem sua raiz, herdadas ou não, para ir em busca ou não também. Dificilmente tive contato com pretos que estão bem-sucedidos unicamente na igreja, e quando são, é muito possível identificar que não existe nenhum tipo de “dívida espiritual” e que são pessoas que têm o caminho livre para seguir o que quiserem por algum motivo desconhecido. Talvez seus antepassados tenham resolvido suas questões em seu próprio tempo.

Refletir acerca disso me conecta aos congadeiros, pois, por mais que nem todos tenham vínculos com os terreiros de umbanda, candomblé e omoloko, são pertencentes ao Congado, que tem uma estruturação semelhante aos ritos das casas de Orixá e estão diretamente ligados a “ancestralidade preta”. Quando falo sobre essas semelhanças de estruturação, perpassa por exemplo, ao fato de se prepararem através de rituais para irem às ruas, para se protegerem de energias negativas. Quando dentro dos terreiros também nos preparamos antes de iniciar uma festa para determinado Orixá, “despachamos a rua” para que energia nenhuma atrapalhe nossos rituais. E nisso segue até a forma como os ternos se posicionam na avenida ao ir louvar os santos. Tem o capitão que entoia a cantiga, tem a madrinha que fica por conta de auxiliar, dentre inúmeras outras coisas que embasam essas semelhanças. Em minhas observações tive a certeza de que é mais uma tradição preta com bases que se cruzam com os cultos dos deuses africanos.

Devido este contexto, também tenho o entendimento, como candomblecista e alguém que teve várias experiências prematuras, que nossa fonte de equilíbrio está nos nossos cultos e quanto mais distantes estamos, mais “penamos” durante nossos percursos de vida, pelo menos em alguma área da vida. Tudo isso me parece uma maldição rogada em nosso povo na época da escravidão, nossos ancestrais escravizados sofreram com o desmonte familiar, com amores proibidos e a distância de seus amores reais entre seus semelhantes, com a quebra de vínculos com seus filhos logo no nascimento destes, com a fome e sede forçada, sofreram com o desequilíbrio emocional e espiritual em decorrência; ter que se adaptar às novas condições, muitas vezes tendo que abandonar suas próprias crenças (ainda assim nunca perdendo a proteção das divindades cultuadas, que sabiam bem das circunstâncias vividas). São muitos vieses, reconheço que esse pode ser um dos motivos pelo qual o povo preto tem tantas demandas internas que acabam respingando em torno de suas vidas.

Sem romantizar, há as belezas das nossas tradições, mas também há as dores e os pesares. O lado obscuro do mundo espiritual abarcado às tradições de terreiro é, sem dúvidas, difícil de lidar. No mais, essa questão não cabe somente para os cultos e tradições, mas também para a forma como a sociedade preta diaspórica lida com os desafios cotidianos.

Ao longo dos escritos, abordo com frequência os termos “diáspora” e “afrodiaspórica”, refiro-me ao sentido de uma migração forçada de povos africanos para terras distantes das suas. As palavras estão ligadas ao conceito de “afrocentricidade” e se dá à luz das visões da modernidade que tenta minimizar e arranjar novas formas opressivas de lidar com a historicidade dos povos africanos envolvidos nas Américas. Simultaneamente, direciona o indivíduo a compreender sua identidade a partir das “novas bagagens” empurradas com o processo da colonização. “É um descobrimento do eu verdadeiro da pessoa, é a identificação do seu centro, é a clareza e o foco por meio dos quais os negros *devem* ver o mundo a fim de ascender” (GILROY, 2001). Pode dizer respeito também a uma “nova” cultura e modo de enxergar/viver a partir de um “novo” espaço, distanciando-se do puritanismo de raças e interligando-se a outras questões que entremeiam os afrodescendentes.

Posto isto, voltemos ao raciocínio: minha mãe, quando começamos a enfrentar juntas meus problemas, começou a contar suas histórias, mostrando como foi sua trajetória até chegar na umbanda. A primeira vez que ela foi vestida para a espiritualidade, foi através de uma mãe de terreiro de Ituiutaba, Dona Tereza, zeladora de santo já falecida do bairro Progresso. Dona Tereza era bem reconhecida por suas ações e força na feitiçaria, pelo bom e pelo mau sentido,

eram ônibus e ônibus de simpatizantes em seu terreiro. Ela vestiu minha mãe para o Congado. Na década de 80, o Congo Real tinha duas crianças meninas à frente para desfilar (não sabemos hoje, mas na época tinha) e minha mãe foi uma das escolhidas. Muitas vezes ela me contou sobre a importância do saudoso Seu João D’Abadia, fundador do Moçambique Congo Real de 1987.

2.1 PRIMEIROS CONTATOS COM O CONGADO DE UBERLÂNDIA: INICIATIVA PARA ANALISAR O CONTEXTO POLÍTICO

Em 2022, acessando as redes sociais, assisti algumas filmagens da 145ª Festa de Congada de Uberlândia. Interessante lembrar, porque foi um acontecimento anormal para mim, nunca tinha visto tantos registros audiovisuais sobre as Congadas, mesmo tendo vários adeptos há muito tempo como amigos virtuais. Lembro-me que me encantei com um terno específico, todo “azul serenity” com o reflexo do sol, junto ao branco, um tecido que passava a ideia de leveza, das águas do mar mesmo. Esse terno me chamou expressivamente a atenção e logo entendi que tinha muito a ver com meu vínculo ancestral. Mais tarde soube que era um terno de Marujos, o terno Marujos Azul de Maio de 1982. Mais interessante ainda é pensar que fui convidada algumas vezes a conhecer esse terno e nem imaginava que pudesse ter um certo acesso a ele, que vi tão apresentável pelas redes sociais, mais tarde. Na cosmologia do Candomblé, não se acredita em coincidências, acreditamos que Orixá, Vodun, Jinkice, fazem as coisas cruzarem nossos caminhos por algum motivo que quase sempre não sabemos, só descobrimos o sentido depois e às vezes nem descobrimos.

As Congadas sempre fizeram parte do meu cotidiano, embora eu não me interessasse em fazer parte. Depois de um tempo, em minha cabeça, era uma grande responsabilidade pertencer a mais uma tradição, já que já tenho o Candomblé para me preocupar. Arranjar mais um compromisso, ainda por cima com santos católicos e com os espíritos ancestrais que rodeiam, em hipótese nenhuma passava e passa em meus pensamentos. Desde que conheci o Congado, soube que a falange de pretos velhos são espíritos presentes nos ritos, haja vista que os ‘nego velho’ são espíritos de pretos escravizados em solo brasileiro e até de antepassados de alguma linhagem. Foi através deles que raízes como o Congado surgiram.

Durante minha trajetória acadêmica tentei me encontrar em várias áreas das Ciências Sociais, mas até o quinto período me vi perdida. Comecei a me enxergar como uma cientista social em formação quando fiz a matéria de Sociologia Urbana, pois a Sociologia Urbana traz temáticas que fazem parte do meu cotidiano, estuda a periferia, as vivências de pretos e pobres, e todas as consequências do período escravocrata, caso eu queira me aprofundar nisso. Em sequência veio a Antropologia com suas possibilidades de me aproximar presencialmente das temáticas que para mim são de suma importância, não só em questão acadêmica, mas do viver.

Antes de entrar para a universidade, eu já tinha uma atuação relacionada às pautas raciais, começando por mim mesma, que fui em busca de um mínimo letramento racial que me permitisse posicionar-me diante quaisquer opressões. Por ter um conhecimento um pouco abrangente, entrei para a academia buscando me conectar com esses assuntos e me vi num vácuo. A universidade é um local de desconstrução, potencialização, mas mais ainda, um local em que a branquitude atua de forma minuciosa, é uma realidade cheia de armadilhas. Ainda assim, graças à Ancestralidade, não me perdi do intuito, mesmo tentando acompanhar outras perspectivas.

Ingressei no curso de Ciências Sociais estando na minha casa de santo em processo de recolhimento e depois de cinco anos de formada no ensino médio, num período em que não queria mais conquistar esse espaço. Mas, Yemoja, a Senhora que cuida de todas as cabeças, me cobriu e permitiu bom Ori (cabeça) para realizar a prova de ingresso, e Esú, o Senhor da comunicação, me conectou às pessoas certas, me direcionou por qual caminho seguir. Ele me deu o nome do curso através de pessoas que eu nem sequer conhecia. Então, muito provavelmente quem nunca me deixou desviar do intuito destes estudos foi minha própria história, foram meus Orixás, meu Odu (caminho) e meu Ori. Mesmo quando resolvi seguir para uma outra linha, não consegui continuar e voltei para algo que me conectasse a minha raiz. Afinal, nada melhor do que contarmos sobre nós a partir de nós mesmos.

Em 2023 resolvi estudar o Movimento Negro, especialmente o de Uberlândia. Fui procurar saber como o movimento estava acontecendo na cidade onde fui acolhida há 10 anos. Não sei como aconteceu, mas desde que cheguei à cidade, naturalmente fui tendo contato com pessoas necessárias, sem nem imaginar que essas pessoas pertenciam a alguma coisa significativa. Devido a minha caminhada, desde que cheguei à Uberlândia, pouco trafeguei, fui literalmente adentrando aos poucos, me conectando às pessoas sem perceber – acredito nos caminhos que Orixá designa. No ano de 2021 ganhei o título de Miss Beleza Negra, categoria

fotográfica, fui a primeira Miss dessa categoria e consequentemente foi quando tive um conhecimento maior com algumas pessoas do movimento negro de Uberlândia.

Quando comecei a investigar o tema, me espantei um pouco, pois a ideia que tinha sobre o movimento negro, era de que funcionava como em alguns centros urbanos que se tem uma organização que conversa com outros órgãos e que atuam no fim das contas como uma grande unidade, sendo que não. Talvez essa minha ideia viesse do Movimento Negro Unificado de 1978, que pavimentou em todos os sentidos o movimento negro brasileiro. Porém, nas conjunturas uberlandenses, uma cidade grande, mas ainda de interior, por informações trazidas por João Nicomedes, artista e comunicador do “Cultura Preta” – veículo reconhecido pela Medalha de Mérito Zumbi dos Palmares cedido pela Câmara Municipal de Uberlândia MG através da vereadora Gilvan Masferrer, não está acontecendo dessa forma.

Conversando com João, que é uma fonte importante das mídias pretas do município mineiro, soube que o MN não está atuando de forma conjunta. Há populares reconhecidos em cada parte em que estão, cada um com a sua demanda. Ou seja, temos pessoas influentes em cada frente responsável por determinados assuntos: no Congado, nas mídias sociais, na música, na cultura de rua, dentre outras. De imediato me interessei pelo Congado, pois pouco tinha ouvido falar sobre seus estudos. O que quero dizer é que, por parte de alguns representantes do movimento negro, pelo menos, o Congado tem uma forte atuação correlacionado ao MN em Uberlândia, embora as atividades do Congado tenham uma simbologia e uma gramática própria.

3. COMO PODEMOS PENSAR A RELAÇÃO ENTRE CONGADO E MOVIMENTO NEGRO?

Desde o fim do período escravocrata, é inquestionável a luta por sobrevivência e adaptação desenvolvidas para que a população negra pudesse ter possibilidades na sociedade civil. O que ocorreu ao longo da história foi que por ter a necessidade de se ter recursos morais e materiais, justamente o que os negros não tinham com todo o processo histórico percorrido,

haveria a tendência de uma entrada nas conjunturas sociais de forma não vantajosa; tal como, a passagem do trabalho escravo para o trabalho manual livre. Foi o que ocorreu com a sociedade no período pós escravidão, o que diz muito sobre a iniciativa conjunta dos movimentos de luta para ajustar questões como essa ou mesmo reivindicar melhorias. Neste sentido, é possível perceber, que, com a deficiente inserção dos negros, ocorreu um tipo de mecanismo de isolamento econômico e social com relação ao resto da sociedade.

Se pensarmos no contexto do tráfico de negros africanos para fins comerciais e nas dinâmicas adotadas pelos europeus para a escravização destes, conseguimos dimensionar a diversidade presente, o multiculturalismo e a pluralidade, haja vista que foram muitos povos traficados. Assim dizendo, a escravidão fez de tudo para reduzir os negros e sumir com suas individualidades.

Assumindo essa ideia, conseqüentemente, estamos falando de um número significativo de pessoas que tiveram também incontáveis vivências que trouxeram e construíram consigo, e não só, viveram de formas adaptativas e se readaptaram a todo momento. E na condição das violências vividas, foram desenvolvendo suas artimanhas para estarem de pé. Temos com esses povos diferentes formas de pensar e “enxergar a vida”, formas de articular e resistir, e conseqüentemente isso foi-se passando para seus descendentes. Desta maneira, tudo isso influenciou na elaboração de meios para acender reivindicações e isso não surge com o aparecimento do movimento negro “organizado” - Maria Conga, Zumbi dos Palmares e Dandara, João Cândido, Tereza de Benguela, Luiz Gama e diversos outros, são honrosos exemplos ancestrais de articulação de luta e resistência. Ancestrais esses que deram início ao movimento político que temos hoje.

Antes, na primeira parte descrita nessa dissertação vimos sobre a articulação do Movimento Negro para a movimentação da população negra em seus próprios territórios, relembrando assim, a Carta Aberta, que estimulava os negros a formarem “**Centros de Luta**” que pudessem discutir suas demandas e lutar dentro de seus próprios territórios, colocando-se nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de Candomblé e Umbanda, nos locais de trabalho, nas escolas e em muitos outros locais, a fim de organizar formas de embate contra a opressão racial, a violência policial, o desemprego, o subemprego e a marginalização da população negra (DOMINGUES, 2007).

Do mesmo modo, podemos pensar nas “**formações sociais alternativas**”, que também correspondem aos meios para elaborar e pensar as reivindicações da população negra, pensando que, os quilombos, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, o Candomblé e a participação em movimentos populares adjacentes, são diferentes tipos de *respostas ao regime escravista*, com efeito, são também formas de organização para contribuir com a resistência e a luta dos negros diaspóricos (GONZALEZ, 1982).

Por conseguinte, quando refletimos acerca dos centros de luta e das formações sociais alternativas, que me fez focar no Congado como assunto para discutir, adentramos num espaço em que a religiosidade ou até mesmo a espiritualidade de matrizes africanas nos liga ao contexto do Congado e as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, partindo do pressuposto de que este “bloco” é um meio onde possivelmente se organiza articulações de luta, fomenta a identidade do negro e nos leva a pensar em como para além da devoção pelos santos católicos com a influência das matrizes africanas, transforma-se num mecanismo de luta, não só pelo espaço, mas também como voz pelos direitos de existir da própria comunidade – comunidade pode se referir à cidade ou até mesmo ao bairro a qual pertence determinado terno, neste caso.

O Congado possui inúmeros contos, mitos fundadores, que vão de encontro a cada terno representante de cada cidade originária do festejo, mas dentre as várias versões possui uma que é reverenciada no popular - cita o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário no deserto - e que está na obra “A festa do Santo de Preto” de 1985, no ‘Anexo C’ referente “O Mito dos Congos”, de Carlos Rodrigues Brandão.

Versão 1:

Eles acharam a Nossa Senhora no deserto, numa loca de pedra, eles a acharam lá. Então fizeram uma reunião lá e eles foram dançar lá. Então o Congo chegou lá, dançando lá, ela riu, mas ficou quieta. Depois chegou o Moçambique. Chegou lá tudo malumbado, um lenço na cabeça, de pés descalços, e aí ela acompanhou. Eles pegaram, fizeram uma igreja, puseram ela lá na igreja. Ela voltou, ficou lá no lugar outra vez. Aí, eles pegaram e fizeram a igreja lá no lugar. Isso aí é da antiguidade³.

³ BRANDÃO.1985, p. 115

Versão 3:

No meu lume, no meu entendimento, eu nunca li uma história dessas. Mas diz que foi assim. Quando os negros eram, então, eram leigos, não sabia falar nem nada, no tempo da escravidão. Então, tava trabalhando. Os negros vivia trabalhando. Então um dia, no deserto, uma gruta, então os negros tava trabalhando. Então apareceu a Nossa Senhora pra eles, a Nossa Senhora do Rosário. Então apareceu pra eles. Dava risada pra eles. Então falou que eles não podia viver daquele jeito. Então que se festejasse ela, ela dava libertação pra eles. Então eles ficaram muito alegres com aquilo e desde aquela hora em diante eles já falou que não ia mais ser escravo. Então eles começou dançar pra ela. Ela explicou pra eles. Começou a dançar pra ela assim. Eles não vestiu porque não tinha nada pra vestir. Então começou dançar assim pulado, né? Veio dançando, pulando, pulando, ela foi, não aceitou. Então veio, esbarrou nela, esbarrou nela. Ela pediu que dançasse mais lento. Então, outros fala Congo, outros fala Moçambique. Eles dançaram mais lento, o que dançou mais lento ficou sendo o Moçambique. Foi o que ela acompanhou. Acompanhou os Moçambiques. Quer dizer, as pessoas eram as mesmas. Eles voltou dançando o Moçambique pra ela. Cantando diferente e ela foi, acompanhou. E nisso, a Princesa Isabel, por causa deles ter encontrado com Nossa Senhora, ela então achou que eles tinham, por causa da Nossa Senhora do Rosário, dar aquela luz pra eles. Ela era a rainha, a Princesa Isabel. Então foi e libertou eles. Eles só tinham que falar com ela, que tinha achado, que ela [NSR] apareceu pra eles. Então a Princesa Isabel viu que precisava de libertar eles por causa do milagre de Nossa Senhora do Rosário. Então ela pegou e libertou eles. Quer dizer que foi por meio de Nossa Senhora. Ela falou que libertava eles: Então ela ajudou mesmo. Então, deu a libertação e começou a alegria dos negros⁴.

Versão 4:

Quando eles tiraram a Nossa Senhora do deserto, veio o terno do Congo com essa roupa mesma [igual à do falante]. Dançou lá, que isso é da antiguidade. É muito antigo, é trem muito antigo. Então essa dança “evém” do cativo. Porque na África tinha essas danças. Então eles vieram cá pro Brasil e trouxe essa dança. Até a padroeira dessa dança não era Nossa Senhora do Rosário; essa festa era de São Benedito. Eles fazia muita devoção a Nossa Senhora do Rosário porque a Santa Isabel que deu a libertação dos escravos. Então puseram a Nossa Senhora do Rosário como padroeira. Porque ela tava no deserto. Foram tirar ela lá do deserto. O terno do Congo chegou, dançou e diz que ela riu muito, mas ficou lá quieta. O Moçambique veio, lento, lenço amarrado na cabeça, de pé no chão, o lenço amarrado aí. Ela foi, acompanhou, tanto que pra todos os efeitos, o Moçambique está em primeiro lugar. Agora, ela é uma festa muito antiga. Ela tem mais de 6 centenários, essa festa. Então os pretos tinha essa liberdade. Ela era feita a 13 de maio, Dia da Libertação⁵.

⁴ Ibid. 1985, p.115

⁵ Ibid. 1985, p. 116

Versão 9:

O lugar que ela apareceu lá que eu não guardei, no deserto, né? Primeiro diz que eles mandaram lá uma banda de música. Ela não atendeu. Foi no Congo, ela abriu. Depois foi os Moçambique. Ela acompanhou. Parece que contam assim, que os Congos dançaram. A Nossa Senhora sorriu pra eles. Depois os Moçambique vieram, dançaram e ela acompanhou os Moçambiques. Tem essa história mesmo. Porque ela agradou da amizade deles, né? Do modo deles [dançarem]. Também porque o povo de Moçambique era o povo mais humilde que tinha na cidade. Os Congos eram mais adiantados naquele tempo⁶.

Essas versões nos abre um leque de possibilidades de compreensão, são versões sobre a forma como se estabelece a relação entre Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, e os negros escravizados. Mas a questão que me chama a atenção é o vínculo com a luta por libertação.

A cidade de Uberlândia tem uma única irmandade que cuida do Congado e de tudo o que se refere aos festejos, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do ano de 1916, intitulada inicialmente como “Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens de Cor de Uberabinha”. De acordo com os registros da Irmandade N. Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia, as primeiras manifestações surgiram em meados de 1874 com os negros escravizados nas fazendas da família dos Pereiras e por outros afrodescendentes migrados das também cidades mineiras de Sacramento, Patrocínio, Desemboque e Cruzeiro da Fortaleza.

Em Ituiutaba, se tem também uma única irmandade negra, a qual é assentida oficialmente no ano de 1957, mesmo os antigos enfatizando que muito antes dessa data já aconteciam cerimônias e conexões. Refere-se à Irmandade de São Benedito, que, um pouco diferente da irmandade de Uberlândia, tem sua história mais direcionada ao santo negro.

É através dessas irmandades que o Congado dos respectivos municípios consegue se articular institucionalmente, e é por meio da Igreja Católica que se dá essa legitimação social e política do Congado. Embora haja atividades que são feitas internamente em cada terno, há inúmeras outras atividades que precisam passar primeiro pela irmandade responsável. Essa devoção aos santos de cada cidade, inclusive, define a época do festejo e a parte histórica que cada lugar se apegar. Em Ituiutaba, a festa ocorre em maio devido ao mês que demarca a Lei

⁶ Ibid. 1985, p. 117

Áurea e sua ligação com São Benedito, e em Uberlândia no mês de outubro pelas datas de comemoração à Nossa Senhora do Rosário (7 de outubro) e São Benedito (no Brasil, dia 5 de outubro).

Assim, podemos dizer que, enquanto o movimento negro em sua abrangência nacional pensava em cartas e/ou formas de alcançar as populações adjacentes para dar apoio ou para dar vasão às necessidades, as mesmas já estavam atuando como podiam há muito mais tempo do que se imagina.

3.1 ENTENDENDO AS IRMANDADES NEGRAS NO BRASIL

As irmandades negras no Brasil, desde o seu surgimento, têm o intuito de promover a inserção do negro na sociedade civil trazendo uma “dimensão civilizatória”, a qual possibilita tal indivíduo estar presente na sociedade como um cidadão e não como um “ser impuro”. Ao mesmo tempo, as irmandades representam formas de resistência, onde pretos articulavam formas de manter viva suas crenças religiosas e cultura, e lutavam pelo direito de cultuar, a seu modo, os santos católicos que vieram com o processo de colonização. Pois, embora houvesse o sincretismo como possibilidade de praticar seus ritos ancestrais, é possível que realmente tivessem aprendido a acreditar em outras entidades/divindades ao longo das mudanças acometidas, e não seria o certo de que renunciassem a isso. Além do mais, associar-se às irmandades era uma forma de se organizarem institucionalmente, conseguirem autonomia e adquirirem sepultamentos dignos ao solo da morte.

Há estudos que afirmam que as irmandades correspondem a um pacto colonial entre “senhores” e africanos, configurando uma forma dos pretos estarem incorporados à “civilização”. Não obstante, os escravizados só poderiam estar associados às confrarias caso estabelecessem um dia específico para festejar e celebrar sua devoção separados dos festejos dos brancos. Africanos e seus descendentes construíram igrejas para os brancos e para eles próprios, neste sentido é que se pontua a importância e a simbologia das igrejas e o quão eram bem equipadas e ornamentadas, tendo em conta que eram espaços de socialização, prestígio e vivência religiosa (CRUZ, 2007).

Havia igrejas separadas e momentos diferentes para as celebrações, expressava-se um ritual de “inversão”, os pretos podiam aparecer nas ruas, “desfilar” nos espaços públicos, porque eram considerados católicos. No mesmo instante, mostravam suas indumentárias, caixarias, vestimentas inspiradas na africanidade, musicalidade, mantendo viva suas tradições.

Como Larissa Gabarra descreve:

O Congado é uma manifestação de cultura popular criada no âmago da diáspora africana, em louvor de santos negros e homenagens a reis e rainhas Congo. [...] O Congado significa reverenciar um reino, cuja organização social é baseada na interdependência de clãs africanos na sociedade escravocrata. [...]. Ou seja, o congado é uma forma de representar a convivência das diferentes etnias africanas reunidas pela dependência de um reino, através do louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito [Santa Efigênia e outras santidades]⁷.

As primeiras manifestações das Congadas, pelas informações orais e memórias do Congado tijucano e uberlandense, surgiram muito antes da fundação de qualquer organização política e isso se aplica à Irmandade. Tendo em vista que, frisando, estamos falando de uma tradição ancestral preta que advém da época da escravização, das senzalas. Sobre isso, conversei com um dos jovens capitães do terno Moçambique Camisa Rosa, Matheus Duarte:

A Congada, Thainá, ela nunca, nunca foi católica. Ela não nasceu católica. Ela não tem raiz alguma católica. A Congada vem lá dos negros africanos que vieram para o Brasil e trouxeram o seu modo de adaptar, de louvar, de festejar (...). A Congada na senzala era festejada quando tinha uma boa colheita, uma grande colheita. O senhor dos escravos falava: “vai, deixa esses nego festejar”. E assim nasce a congada, a congada nasce ali no seio da senzala, no seio da boa colheita, uma forma de expressão, a congada ela nasce no meio dos cafezais. Onde os negros cantavam ponto um pro outro, às vezes usando as suas línguas originárias. O que seria esse ponto? Seria o seguinte, eu estou aqui colhendo um café, o meu irmão preto tá um quilômetro de distância de mim. Eu não consigo ir lá falar com ele, mas aquilo que eu estou cantando, ele entende e me responde de lá. É onde o Moçambique hoje traz essa troca de versos, onde a gente faz versos cantados, um para os outros capitães e um dando a resposta para o outro.

Em Ituiutaba, algo que prestei bastante atenção em citações do meu campo, é que essas conclusões sobre as manifestações das Congadas, realmente vêm de antes do surgimento das irmandades. Os congadeiros tem plena certeza, pois foi um ensinamento oral passado dos mais

⁷ Gabarra. 2008, p 3-4

velhos para os mais novos – oralidade, herança praticada muito comum em nossas raízes. “No quilombo, somos da oralidade, compomos o nosso saber nos bares de ponta de rua” (BISPO, 2023, p. 69). Contudo, os ternos haveriam de ser institucionalizados, pois se trata de uma vinculação à igreja católica que é uma forte instituição na conjuntura brasileira desde a invasão. “No Brasil Colônia muitas foram as maneiras encontradas pelos escravizados de resistirem à escravidão, criaram laços de solidariedade e sociabilidade, e é nesse contexto que as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário fazem-se representantes na sociedade” (PIRES, 2009, p. 2). Desta forma, estar vinculado a uma instituição tão poderosa abre possibilidades.

Existe uma diferença entre as terminologias Congado e Congadas. Segundo Jeremias Brasileiro, o Congado diz respeito a uma possível marca de representação política, sinonimamente atrelado a um tipo de “instituição e/ou organização”, já as Congadas é a consolidação dessa representação, dá sentido aos cânticos, danças, instrumentos, vestimentas, procissões e coroações (BRASILEIRO, 2006).

A Irmandade de São Benedito de Ituiutaba é de 1957 e o terno mais velho da cidade, o Moçambique Camisa Rosa, é de 1951, um depende do outro para atuar neste contexto, e não só, o vínculo contribui para o respeito e notoriedade devida perante a sociedade e as autoridades. A irmandade de Ituiutaba é hereditária e hierárquica, como mesmo é a estrutura da fundação de um terno. Até o momento, quem segue à frente da irmandade de Ituiutaba é uma membro da família fundadora do primeiro terno da cidade tijucana, Dona Maria Lúcia.

Inclusive, no fim do dia 19 de maio, data do festejo que ocorreu em Ituiutaba, presenciei o momento em que Dona Maria Lúcia reuniu todos os dançadores, dos mais velhos até os mais novos, no pátio do segundo quartel do ‘Camisa Rosa’, para dar seu parecer dizendo que a partir daquele dia ela estava desistindo de estar à frente da Irmandade de São Benedito. Ao mesmo tempo, as pessoas que a tem como uma referência, alguém especial afetivamente falando, resmungaram dizendo que já estava passando da hora disso acontecer. Pelos burburinhos que não eram exatamente burburinhos, pois era tudo falado em alto e bom som, Dona Maria Lúcia havia passado maior parte da sua vida dedicada a essas questões, e que consequentemente, chegou a um momento delicado de desgaste de saúde, principalmente mental.

3.2 VIVENCIANDO O CONGADO EM 2024

Este presente trabalho iniciou-se com o ideal de compreender as articulações do Congado “junto” ao movimento negro. Todavia, foi possível identificar algumas divergências logo de início: Ituiutaba tem sua expressão mais voltada ao tradicionalismo religioso, sua demanda política por assim dizer, parte diretamente do Congado, da devoção pelos santos. A devoção por São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e pela liberdade de cultuá-los a seu modo, faz com que a política aconteça e continue. O Capitão Matheus do “Camisa Rosa” fomentou esse entendimento:

Se a gente for falar em relação ao movimento negro, com certeza a congada ela está dentro, inserida dentro do movimento negro. Por quê? A congada nada mais é do que um ato de fé, um ato de resistência em primeiro lugar. É a fé, é a resistência, é o sagrado, é o segredo. Então a gente não sai disso.

Em contrapartida, em Uberlândia, o Congado está mais articulado com o movimento negro, pois aparentemente os dançadores estão diretamente interligados a construção política da comunidade negra pelo movimento social, ela sendo congadeira ou não.

Ir a campo fez-me entender que nada funciona como o achismo que gritava em meu subconsciente, e não por falta de me atentar ao contexto, mas talvez por uma inocência e falta de lógica. A frase mais potente que pude ouvir presencialmente e que considero um privilégio ter tido a oportunidade de ouvir de um mais velho do Congado de Ituiutaba, Demétrio Orlando da Silva, neto primogênito de Seu Demétrio ‘Cizico’, o fundador do terno Moçambique Camisa Rosa de 1951, foi que: **“primeiro que o Congado veio antes... para o Movimento Negro existir o Congado lutou...”**. Essa fala foi transmitida durante nossos contados minutos caminhando em direção à Igreja de São Benedito. Em meio as explicações referentes as minhas perguntas sobre o Congado e o movimento negro, o experiente moçambiqueiro explanou sabiamente.

Foi muito valioso poder ouvir essa fala de perto, pois anteriormente ouvi de João Nicomedes, o jovem articulador do movimento negro de Uberlândia, o mesmo pensamento. As duas falas coincidiram em momentos diferentes. Quando ambos frisam e enaltecem o Congado como sendo uma **tradição ancestral preta originada há séculos**, enfatiza o Congado sendo

“maior” que o Movimento Negro (pelo menos das cidades em questão) de fato, por todo o enredo e construção, talvez não pelo reconhecimento institucional e popular nacional – até porque são práticas locais que tem sua importância para determinados lugares –, porém é neste pensamento que conseguimos dimensionar que foi esse tipo de resposta ao regime escravista que deu impulso para os afrodescendentes conseguirem se estabelecer contra qualquer tipo de violência em embate/debate. O Congado dá ênfase no sobressair-se e dar continuidade, ou seja, fala-se de refúgio e base para a criação de artimanhas, reflexões e projeções. É no quartel que se discute o que fazer e como fazer, são em ambientes do tipo, muitas vezes, que determinados grupos se compreendem, ganham e somam.

Isso me fez refletir e balancear muitas coisas que tinha para este trabalho. A principal de todas é que eu poderia esquecer essa ideia de pensar no Congado e no movimento negro juntos, pelo menos da forma que imaginei antes e no contexto de Ituiutaba especialmente. Vendo toda aquela movimentação, organização, empolgação e realização do festejo, e tudo o que está em torno, consegui enxergar o Congado grande, maior do que havia visto e imaginado até agora. O Congado está muito além de um festejo afro religioso e que por ser ‘só’ uma festa de preto articula com o movimento negro. Sim, mas muito mais não.

Ao ir em busca de alguns nomes importantes do Congado de Uberlândia, não obtive sucesso. Inclusive, a maior referência de pesquisas sobre o Congado uberlandense, o Prof^o. Dr. Jeremias Brasileiro, esteve em minha lista, consegui contatar, mas por algum motivo nos desencontramos umas quatro vezes. Ademais, consegui me comunicar com mais duas pessoas importantes da Irmandade de N. S. do Rosário e São Benedito, mas por algum motivo além não consegui entrevistá-las. Mais tarde com a ajuda de um amigo, que nasceu no meio do ‘congo’ de Uberlândia, tentei falar com uma outra pessoa que somaria, não deu certo. Fora os demais que pedi para falar e que poderiam contribuir significativamente, e também não fluiu. Na minha forma de perceber, essas dificuldades se davam, em primeiro lugar, por um motivo espiritual, uma vez que todas as pessoas a quem me apresentei me receberam bem, aceitaram contribuir e só na hora de nos sentarmos para falar, que simplesmente não aconteceu, sem nenhuma cerimônia e/ou justificativa.

Fiquei refletindo por alguns dias sobre essa situação que ocorrera e ao mesmo tempo, assim que percebi que poderia estar acontecendo algo no sentido sobrenatural, falei com minha mãe, pedi para que abrisse o baralho cigano e perguntasse para a espiritualidade se o que eu estava percebendo era real. Quando ela decidiu abrir o baralho, era dia 13 de maio. Mais uma

não coincidência. Ao abrir o jogo, a primeira coisa que ela me perguntou foi: “Como você chegou nesse tema?”. Prontamente contei um pouco da minha vida na universidade e o quanto tive dificuldade de me encontrar, e que embora eu tentasse pensar como os outros alunos, por outros rumos, eu só me via adentrando às questões étnico-raciais. Pois ela sorriu ironicamente e me respondeu: “Thainá e suas missões...”. Junto disso, ela disse que sim, eu estava tendo um “bloqueio” espiritual, pois eu precisava pedir licença para adentrar esses espaços, que inquestionavelmente são muito espirituais e que além de tudo, é totalmente Ancestral.

O Congado é uma tradição que a todo instante invoca aos entes que já se foram, que retornaram à ancestralidade, aos espíritos da época da escravidão. Com o campo percebi que muitos congadeiros estão ali louvando São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, mas não fazem ideia (boa parte entende, porém muitos outros não) do que estão cultuando verdadeiramente, no sentido de se ter outras energias além dos santos de costume. E por isso não percebem a importância de se preparar devidamente para lidar com tudo o que envolve.

Quando minha mãe disse que eu precisava pedir licença para chegar, porque não era simplesmente uma pesquisa para mim – que sem plena noção eu estava achando –, entendi mais ainda o motivo pelo qual Orixá me permitiu chegar até a universidade. Ou seja, para mim ficava claro, que para eu realizar esta pesquisa, era necessário também estar atenta ao mundo sobrenatural dessas relações. Estou aqui por aqueles que não puderam ter voz, por aqueles que não tiveram a chance de contar sua própria história e muito menos tiveram a liberdade de cultivar aquilo que acreditavam sem que fossem violentados e/ou oprimidos abruptamente. E eu sei que isso é bem menos do que o real motivo pelo qual eles querem de mim e tem para mim. Mas, mamãe falou para que eu aproveitasse que a mesa dos pretos velhos estava aberta naquele dia, que a oferenda estava “arriada”, para que eu pedisse a licença para chegar à Ituiutaba. Assim eu fiz, antes de chegar ao festejo pedi muito a proteção e a licença de Vovó do Corumbá, a preta velha de minha mãe, pois como essa história começa com ela e a “menina” dela, nada seria mais justo do que pedir para que ela me desse a permissão. Quando minha mãe foi vestida para sair com o Congo Real lá em 1987, imediatamente e com toda certeza, quem fez a frente da minha mãe espiritualmente foram os pretos velhos, energias ancestrais associadas diretamente.

De forma expressiva percebi a diferença na recepção que tive quando acessei as pessoas de Ituiutaba, a sensação era de entusiasmo, acolhimento, leveza e caminhos abertos para fazer o que precisava, tive facilidades. Os congadeiros de Ituiutaba foram mais solícitos, aliás, a

sensação que tive foi totalmente contrária aos ares de Uberlândia. E é compreensível, desde as primeiras linhas dessas escritas, tudo me levou à Ituiutaba. De fato, nasci lá, minhas raízes estão lá, embora a minha parte preta familiar não seja mineira. Mas, apesar disso, é importante saber que, quando nasci, a ancestralidade que me abraçou estava presente naquele espaço, então não só o lugar, mas as energias que são daquele ambiente me abraçaram, e percebo que estão presentes na minha vida muito mais do que eu poderia imaginar.

Quando cheguei em Ituiutaba para o campo, me surpreendi com inúmeras situações, e uma delas, como já citei, foi a potência e a grandeza que existe no Congado de lá. Antes, eu achava que a maior referência era Uberlândia, pois realmente, Uberlândia ganhou mais popularidade com os anos devido o porte e os holofotes da festa. Alguns devotos de Uberlândia chegaram a dizer, que em quesito tradicional, Ituiutaba é muito mais do que Uberlândia. Disseram, inclusive, que as pessoas estão mais voltadas para o prestígio da conhecida festa uberlandense do que propriamente à devoção de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, e que “a fé está passando longe” daquele momento de celebração. Há controvérsias e muitas tensões, as quais, de antemão, não serão abordadas, pois não foi algo que pensei para esta pesquisa.

Aparentemente muito do que Uberlândia tem em sua cerimônia, surge de influências de Ituiutaba, e a cidade do rio Uberabinha é talvez expressivamente influenciada pelo tradicionalismo da cidade tijucana, embora sejam divergentes. Basta ver que os congadeiros trafegam de uma cidade para outra. É fácil encontrar adeptos de Uberlândia articulando, dançando e louvando nos ternos de Ituiutaba, vice e versa. Há uma tensão de um lugar para outro, uns dizem ocorrer muitas cópias e plágios de cantigas, vestimentas e estruturação dos ternos; há comentários de que têm cantigas que foram criadas em determinados ternos de uma cidade que é possível encontrar em ternos de outra. E de fato, os atritos internos às vezes parecem disputas de quem quer “ser mais que o outro”, provavelmente uma disputa por prestígio, e isso acaba interferindo em outras requisições que envolvem todo um grupo, principalmente para decisões burocráticas.

Mas também, conforme o tempo foi passando um deixou de ser “base” para o outro e se tornou uma troca de saberes, mesmo que não conscientemente, pelo que pude observar. Muito bom se as coisas fluíssem como Antônio Bispo transcreve em sua obra “A terra dá, a terra quer” (2023), em que dentro do quilombo as pessoas não têm um pensamento colonizado como nas cidades. E, não é só porque se trata de um possível quilombo urbano em que estão

pessoas pretas inseridas, que a reprodução racista e colonial não persiste, muito pelo contrário. O racismo foi e é destrutivo.

Ouvi repetidas vezes outros dançadores e simpatizantes comentarem sobre essas discussões, que para eles são problemáticas, embora falassem também sobre as boas partes disso. E assim, como mesmo acontece em outras tradições afro, é comum ver relações amigáveis sendo construídas no meio, como forma de apoio e união, e que é algo praticado desde o início de tudo em nossas comunidades.

Em maio de 2024, desde o primeiro momento em que pisei no quartel do Moçambique Camisa Rosa para acompanhá-los em suas atividades do dia de louvação, me deparei com outra questão. Eram 7:51 da manhã e já tinha um tempo que estava sentada dentro da igreja de São Benedito vendo os ternos entrarem e saudarem o altar da igreja. Cada terno com sua raiz e forma de cultivar, com muita beleza e diversidade. São congos, moçambiques, catopés, marinheiros, uma verdadeira pluralidade, da forma que os povos pretos são. Isso me fez entender mais ainda uma coisa, de forma mais clara, as demandas que surgem nas comunidades congadeiras que fazem o movimento negro acontecer. Nessas circunstâncias as coisas fluem do micro para o macro.

Conversando com algumas pessoas de modo informal, entendi que na verdade o MN se constrói baseado nas pequenas relações que vão surgindo ao longo do tempo e que vão indo para outros contextos e ganhando novas/maiores proporções. E é neste sentido que compreendo que o Congado é um intermediário fortificado em determinados meios, como por exemplo na cidade de Ituiutaba, e que consegue funcionar de forma prática em atuação política, desvinculada de outras coletividades. Por certo, os congadeiros buscam muitas vezes vincular-se aos partidos políticos ou quaisquer outras associações, para fortalecer a luta, e isso sem dúvidas, é muito válido para uma maior legitimidade.

Posso estar enganada, mas o fato dos ternos se organizarem em seus bairros, cada um em seu quartel, pensando no bem-estar daquela comunidade e articulando em prol dela, diz muita coisa. As pessoas também se organizam internamente com suas finanças para gerar verba para a comunidade congadeira e adjacências; trata-se de uma força conjunta e representativa.

No intervalo de uma apresentação para outra durante o festejo de Ituiutaba, saí da praça 13 de maio e segui para o quarteirão de baixo acompanhando algumas moçambiqueiras, soube que no ‘Congo’ nem todos são nomeados como congadeiros, aprendi que depende da raiz do

terno para chegar à denominação correta do dançador. De volta com ‘Seu’ Demétrio, o capitão, ouvi a história inteira da fundação do terno e ainda obtive considerações plausíveis da importância política do Congado. Dando embasamento ao que me dizia, lembrou a vez que estiveram em Brasília representados por um antigo do terno ‘Camisa Rosa’, para uma presença que marcaria um ato político para a história do Congado de Ituiutaba. O tempo foi curto e por isso não foi possível saber com detalhes, nas horas festivas é complicadíssimo falar com os envolvidos, e pela correria, o momento que esperam o ano todo para acontecer, preferi respeitar.

Pude me desconstruir bastante tendo contato com os dançadores, pude quebrar pensamentos limitados. Eu acreditava que ‘todos’ os mais velhos não entendem a língua inacessível da universidade, achei que fosse preciso traduzir alguns termos com quem conversei, mas logo de início vi que não precisava, pois eles entendiam muito bem do que se tratava meus questionamentos, inclusive foram mais claros do que qualquer professor universitário ao me retornar. Ficou notável para mim que em prol da comunidade e da evolução dos contextos sociais e políticos, as pessoas estão atentas para saber como se comunicar. E evidentemente, classifico esse entendimento aos mais velhos que conversei, sem generalizar. Nós temos verdadeiras enciclopédias vivas escondidas nos interiores do nosso Brasil que são invisibilizadas por nós mesmos muitas vezes.

Numa visita à casa de José Umberto da Silva Neto, congadeiro do Congo Raízes de São Benedito, fundado em 2020, conversamos sobre o sentido do Congado através de sua visão, e ele me relatou o seguinte:

Tem um senhorzinho, que é daqui da comunidade mesmo, “fraga”? E sempre que tem alguma, tipo, tanto leilão, nossas festas ao longo do ano também, tipo festa junina, é... ele sempre tá presente, tanto aqui no bairro que é onde ele mora mesmo, quanto nos bairros aos redores assim, que também tem as guardas, e aí ele sempre tá presente, ele e a esposa dele. Ele é bem humilde, vem na ‘biscletinha’ assim, ele sempre vai com umas roupas bem características mesmo, vai de paletó, roupa social, coloca um ‘chapéuzin’ que eu acho até engraçado, um chapéu grande e verde, e... ele sempre tá indo pra lá pra curtir a festa, se alimentar também, participar ali. A esposa dele também em alguns momentos, já vi ela dando algum auxílio também, mesmo não fazendo parte diretamente da comunidade, saca? E assim, pra mim, um dos principais motivos pra ele ir lá, para além da manifestação, né? de curtir aquele momento ali em comunidade, é também saber que ele vai ter uma alimentação digna pra poder se alimentar naquele momento e também até para os próximos dias, porque acaba sobrando muita comida, eles distribuem também depois dessa alimentação...

Além desse relato que tive como um exemplo das ações desse terno em específico e de outros que estão alojados nas localidades, direcionei a ele uma outra pergunta sobre o que ele achava do Congado ser um formador social, em questão da construção e desenvolvimento do indivíduo em sociedade, politicamente e não politicamente, podendo ser ele um adulto ou uma criança. Sua resposta prontamente foi que acreditava, com toda certeza, de que o Congado é sim um formador social, pois se tem o espírito forte de comunidade em meio a estrutura e a base dos ternos, de partilha e compartilha, e o fato de estar a todo tempo com anciãos, pessoas mais velhas, há uma influência, reflexo de saberes ancestrais que levam a ações e ideais coletivos. Para ele é algo benéfico para sair das armadilhas, conscientizando os dançadores para que evitem também cair nelas.

Já Tia Adriana, que é sua mãe e que participava da conversa, me respondeu que acreditava também que o Congado é um formador social, e dos bons, por trazer responsabilidades a quem se insere, pois tem muito a se fazer dentro de um quartel. Não é somente ir lá e dançar, é preciso cuidar de um instrumento, cuidar das roupas. Ela fomenta isso considerando, a seu ver, que muitos estão perdidos no mundo e chegam procurando um caminho, e o Congado dá esse direcionamento de vida a quem o procura.

Muitas pessoas que fazem parte da tradição e que estão também muitas vezes à margem, não sabem, mas isso é ser um ser político. As pessoas que pensam e promovem alguma coisa em favor de sua comunidade ou até mesmo de sua própria casa, para a sustentação de uma família ou até várias, como é o caso de ambientes de terreiro e de ‘congo’, são muitas vezes inconscientemente políticos e pertencentes aos falados “quilombos urbanos”. Este é o tipo de pensamento que abre caminhos para as tais ações afirmativas e que constrói a política brasileira, ou pelo menos deveria construir. De “pequenas causas” é que se faz uma grande mudança.

José também afirmou que a maior manifestação atual do MN na cidade de Ituiutaba, a partir de seus conhecimentos, parte de diálogos construídos dentro e com a universidade, a UFU do Campus Pontal, que está em Ituiutaba. Essa colocação me surpreendeu um pouco. Fez todo sentido. A Universidade Federal de Uberlândia é um componente forte para organizar, é uma instituição de renome em nossa região e nos últimos anos vem tomando reconhecimento por meio desse tipo de apoio e construção. Em Uberlândia é possível notar o mesmo.

3.3 ATIVIDADES POLITICAMENTE RECONHECIDAS DO POVO CONGADEIRO E DE TERREIRO

Estive num salão especializado em cabelos afro para cuidar do meu black e recebi a informação de um evento popularmente conhecido por “Lavagem do Largo do Rosário”, ou então, “Cerimônia de Lavagem da Praça - Largo do Rosário”, que aconteceria no próximo domingo 7 de julho de 2024, dando início à 147ª Festa de Congadas de Uberlândia. Interessante, porque eu não sabia que essa cerimônia seria com o intuito da abertura para as preparações para o festejo de outubro, pois no ano de 2023 eu soube por pessoas próximas de como estava acontecendo a fundação deste evento, inclusive sobre a burocracia para colocar na rua e toda a polêmica em volta da verba recebida para a execução.

A Lavagem do Largo do Rosário é uma iniciativa de Márcia Helena Assunção e família, conjuntamente à Igreja do Rosário. Dona Márcia é vice-presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, e, junto de seu esposo, fundadora do terno respeitosamente conhecido Marujos Azul de Maio de 1982. Importante ressaltar que Dona Márcia também é uma ‘mãe de terreiro’ da tradição de Omoloko (Abassá de Ogum e Oxum) - religião de matriz africana muito comum na nossa região. Seus passos não decorrem de agora, encontrei algumas fotografias em outros arquivos como este que escrevo. Sua luta é admirável e não é só pelo congado, mas claramente por sua comunidade e consequentemente por todo o povo preto da cidade de Uberlândia. Já foi também homenageada na capital mineira por sua atuação. Sem dúvidas é uma personalidade importante para a luta congadeira e de terreiro do município mineiro.

Quando soube da Lavagem do Largo do Rosário me animei prontamente, porque seria uma boa oportunidade de campo. Me atentei à data e ao horário divulgado pelo perfil oficial do “Congado de Uberlândia” no Instagram, mas por incrível que pareça tive mais um desencontro. Na divulgação estava marcada a concentração na praça central Ismene Mendes às 11hrs, mas o evento aconteceu de fato às 9hrs da manhã. Ou seja, quando cheguei na praça do Rosário, onde ocorreu o fim do percurso e a louvação, já tinha acabado e sobrou apenas resquícios de pessoas em cada esquina. E foi nessa que me lembrei dos vários desvios que tive tentando pesquisar em Uberlândia.

A iniciativa da Lavagem do Largo do Rosário certifica e reafirma que as religiões de matrizes africanas estão atreladas ao Congado de Uberlândia – sem generalizar, mas é possível identificar isso avistando eventos como esse. Nestes contextos, diferentemente de Ituiutaba onde há uma concentração maior voltada à Igreja Católica, entendo que isso possa ter a ver com um letramento racial. Os mais velhos dessa geração contam ter recebido os ensinamentos dos mais velhos deles, e isso pode nos convencer de que, mesmo sem tantos acessos, os antigos sabiam pautar seus interesses, mesmo que não soubessem dar nomes. Hoje, os mais velhos aprendem a dar “nome aos bois” com os mais novos e nós sempre continuamos a aprender com eles. É por aí que o movimento acontece.

Com isso, nossa correria e conhecimento sempre será pela oralidade, é um ensinamento que veio dos nossos ancestrais, que perpassou nossos antepassados e que segue se mantendo mais vivo do que nunca em agrupamentos tradicionais afrodiaspóricos. É importante contarmos e registrarmos nossas “lendas”, pois é um tipo de acessibilidade e manter viva a cultura.

Só que também, há uma discussão sobre a maneira como estão fazendo a cada ano que se passa, concordo com a frase dita por algumas pessoas de candomblé: “livro é coisa de branco”. Estão, infelizmente, deturpando a imagem dos terreiros e demais caminhos como o Congado. Antes, para se ouvir falar alguma coisa sobre nossos segredos, haveria de entrar, pertencer. Hoje, estão expondo de qualquer jeito nas redes sociais e escrevendo sem responsabilidade. É no mínimo perigoso a forma como estão propagando as informações. E por que livro seria coisa de branco? Justamente porque muito dificilmente veremos uma pessoa preta de raiz propagar coisas infundadas ou simplesmente propagar um saber para fins lucrativos. E embora seja contraditório e concordo também ser perigoso trazer essa ideia para a discussão, vejo como um ponto de partida para refletirmos sobre como estamos transformando nossos saberes em algo negativo ao invés de enfraquecer quem sempre tentou nos tirar de rota.

Mas, retornando à dualidade religiosa que existe nos ternos de Congado, em Ituiutaba, é possível compreender com mais facilidade essa associação com a Igreja Católica e o motivo disso perpetuar entre muitos. Parte de um conhecimento popular sobre o surgimento da tradição na cidade, e não somente sobre um conhecimento popular, é um conhecimento histórico que alguns dançadores sabem e propaga:

(...) A Congada de Ituiutaba, especificamente Moçambique Camisa Rosa e Congo Camisa Verde, eles são basicamente igreja católica, a fundamentação

deles são igrejas católicas. Por quê? Quando acontece isso lá na década de 60 com Seu Cizico e ele cria aí então essa irmandade, junta esses 12 apóstolos. O que que acontece? Os filhos deles que começam a nascer após esse período ou os filhos deles que já eram nascidos ali e tinham menos de 10 anos, o padre exige que todos os filhos precisavam ser batizados, catequizados, crismados... então os filhos eles crescem na obrigatoriedade da Igreja Católica e eles aprendem a ser católicos, eles não aprendem a ser espíritas. Por mais que tenha relatos que Cizico era um grande espírita, um grande, como se diz, um grande conhecedor de magias, os filhos dele não teve isso, os filhos dele foram instruídos, batizados, ou seja, no seio da igreja católica - Capitão Matheus Duarte (entrevista realizada em 22/07/2024).

Ao entrar em contato com uma jovem do Moçambique Lua Branca de Ituiutaba, Sarah Gabrielle Silva Souza, tendo uma importante atuação na execução do terno sendo uma das madrinhas coordenadoras da bandeira, de forma fervorosa e expressão muito potente em representar com orgulho seu seguimento, perguntei: “Você acha que existe alguma ligação do Congado com o movimento negro, vice e versa?”. Pergunta que serviria para abrir a discussão apenas. Rapidamente Sarah respondeu:

Óbvio que sim! O Congado é um movimento negro. O Congado é um movimento formado por pessoas pretas para mostrar sua fé e devoção em santos pretos, no Rei Congo e na Rainha Conga, nos Orixás... foi me ensinado assim, que meus antepassados pretos tinham referências pretas no Congado...

Sarah está no Congado desde que nasceu, sua ligação vem de família através da avó, tias, tios e primos, moçambiqueiros que fazem parte da fundação do terno de 1990. E continua suas contribuições:

“E sinceramente, o Congado pra mim é minha vida, é uma coisa que eu falo, que eu nasci ali e se for pra morrer, eu quero morrer ali.”

Junto dessa fala, a jovem entoou:

Se um dia eu for

E não puder voltar aqui

Eu vou pedir Nossa Senhora do Rosário para tomar conta de ti

E pode ter sol, pode ter Lua

Luz e até escuridão

Eu vou pedir São Benedito, ai ai meu Deus

Para lhe dar a proteção

Se um dia eu for...

Continuando nossa conversa, perguntei à moça sobre a importância que o Congado tem para a sua comunidade, para além do festejo. É respondido que para ela perpassa a questão da devoção, da fé nos santos:

Eu acho que é mais por parte da religião, entendeu? Tipo, em questão de fé e devoção, igual eu te falei, não tem como falar de Congado e não falar de fé, porque literalmente, o Congado é fé e devoção, no caso, a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, aos Orixás, pretos velhos, toda essa galera aí, sabe...? Acredito também que Congado, tipo, é uma coisa que cê chega, aiii... é só ali dançar, só “moçambicar”, tocar e ir embora pra minha casa. NÃO! Vai chegando uma hora que cê vai entender que cê vai ali, cê vai rezar, cê vai, sabe? Sentir aquela energia de arrepiar e vai entender que cê não tá ali SÓ pra mostrar que você é, sei lá, do Moçambique Lua Branca... aiii... eu danço Congado... NÃO! Cê tá ali, chega uma hora que cê vai tá ali, nossa... eu tô aqui pra São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, pelos meus ancestrais.

E essa questão de música igual eu cantei pra você também, é uma questão tipo, a nossa música é a nossa oração, entendeu? Porque igual, cê vai na igreja, cê vai lá, cê reza o pai nosso, ave maria, é a forma deles de oração. A gente também reza nosso pai nosso, nossa ave maria, mas a música é a nossa forma de oração. Cê pode ver a todo momento que vai tá todo mundo cantando, é a forma né, de louvar quem a gente tá ali louvando.

Inclusive, tipo assim, igual eu falei, se a gente, a gente tem o nosso né, a gente reza nossa ave maria, nosso pai nosso, mas tipo, se a gente já saiu e não tiver rezado, a gente pega e canta uma música que ela é assim:

Quando o galo canta em louvor a Maria

Quando o galo canta em louvor a Maria

Reza uma prece, ave Maria

Reza uma prece, ave Maria

Ave Maria cheia de graça

Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres

Bendito é o fruto

Do vosso ventre nasceu Jesus

Para Sarah, o Congado é uma mistura de crenças, a católica e a matriz africana. A fé está nas duas vertentes:

Estão os dois ligados uns aos outros. Tanto que tem uma história, eu não sei contar, por isso eu não vou contar direito, mas já ouvi ela, que a muito tempo atrás aqui em Ituiutaba mesmo né, as pessoas mais velhas, os mais antigos lutaram mesmo, tipo assim, bateram o pé no chão que o Congado iria entrar sim dentro da igreja, entendeu? Então, tipo assim, é uma coisa que tá interligada, acaba que a gente fala de um, fala de outro, então são duas coisas de, né?! São duas fês e devoções interligadas. E no caso, muitas vezes cê vai ouvir a gente falando em músicas de Oxalá, sabe? De outros Orixás, e muitas vezes vai falar de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que são santos católicos.

No momento de sua fala reconheci a história do Moçambique Camisa Rosa, que sem ela saber exatamente, lembrou. O Congado é passado de pai para filho, de avô para netos e de tios para sobrinhos, e indispensavelmente de ternos para ternos, como mesmo acontece em muitos terreiros. Há a circularidade cultural, onde se encontram diversas similaridades nas raízes afro-brasileiras. Sarah também entoou um verso cantado em seu terno, que diz:

“Essa tradição não acaba mais não,
É de pai pra filho, de irmão pra irmão...”

Ainda perpassando o município do velho Rio Tijucu, temos William Cândido do terno Congo da Libertação, de 2005, que tem um pouco de sua trajetória como atuante do Congado respingando em ações no movimento negro “tijucano”. Sua iniciativa diz respeito a ter levado o ensino do ‘congo’ para o CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança de Ituiutaba. A sua intenção parte da condição de sua vivência enquanto um jovem homem negro, umbandista, estudante de escola pública e morador de um bairro periférico (o Novo Tempo II).

A iniciativa do congadeiro tomou forma, pois no período proposto havia a disposição da Secretaria Municipal de Educação em implementar a lei 10.639/2003, a qual diz sobre a inserção do Congado nas propostas pedagógicas das escolas o ensino da cultura afro-brasileira, o que diga-se de passagem, está relacionado a outras medidas adotadas pelo Brasil no sentido de combater a discriminação. A lei 10.639/2003 faz parte dos programas de ações afirmativas que estão relacionadas ao Programa Nacional de Direitos Humanos, bem como aos

compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, com o objetivo de combater o racismo e as discriminações. Destaca-se, nesse aspecto, a Convenção da UNESCO de 1960, direcionada ao combate do racismo em todas as formas de ensino, que incluiu a Discriminação Racial, Xenofobia e Discriminações Correlatas em 2001 (DA SILVA, 2013).

Em suma, essa lei surge a partir do intermédio do movimento negro organizado (MNU). Lembrando do corpo político que atua para que leis como essa venham a se realizar; antes de chegar numa condição maior, depende-se de um engajamento coletivo, então sim, começa de um indivíduo/grupo - que pertence a um meio como o Congado, por exemplo -, trafega por núcleos, instituições, para depois alcançar conjunturas maiores. Mas antes de tudo, se não fosse o trabalho árduo de todos os pretos que já pavimentaram as estruturas raciais e sociais, não teríamos chegado ao mínimo do mínimo de importância - assim enfatizando a contribuição das comunidades negras, sejam elas culturais, religiosas e outras mais.

Dentro dos ternos temos articulações como aquelas definidas como as formações sociais alternativas e os centros de luta. Neste sentido é que reflito sobre as atividades que os ternos e as irmandades promovem em prol do fortalecimento do Congado e do acolhimento aos grupos. Como definido por um dos meus interlocutores, novamente, João Nicomedes:

O Congado há alguns anos, vem tomando um teor político, justamente por suas ações e atividades contribuírem para reivindicações de direitos, mobilizações e ademais. Por exemplo, em Uberlândia, temos o terno Moçambique Estrela Guia que há um bom tempo vem realizando atividades para as crianças, promovendo debates para jovens e adultos, pensando no bem-estar de toda a sua comunidade.

O “Pró-Mirin Estrela Guia do Amanhã”, projeto do terno Moçambique Estrela Guia registrado por Jeremias Brasileiro em seu trabalho de conclusão de curso (2006), aborda através das palavras de Iara Aparecida Ferreira, uma das líderes do terno a seguinte questão:

Atendendo mais de duzentas crianças e adolescentes por semestre, o Moçambique Estrela Guia exemplificaria a realidade do Congado de Uberlândia. Os responsáveis pelo terno se preocupam com as questões sociais, acompanham o desempenho escolar dos jovens dançadores e buscam por meio da solidariedade e de projetos, uma forma de incentivar seus participantes a contribuírem para o crescimento intelectual desses adolescentes congadeiros⁸.

⁸ Brasileiro. 2006, p. 26.

No dia 11 de junho de 2024 em Uberlândia, o Ministro dos Direitos Humanos, intermediado pela Deputada Federal, Dandara Tonantzin, veio à Universidade Federal de Uberlândia, no campus Santa Mônica, falar sobre o tema “Racismo Estrutural”. Fui assistir no intuito de vivenciar algo importante para minha construção intelectual e pessoal, mas nem de longe imaginei que fosse presenciar um terno de Congado indo participar do evento, e com interesses pontuais. Na plateia identifiquei nomes importantíssimos do movimento negro de Uberlândia, Ituiutaba e região, inclusive meu último entrevistado, o Capitão Matheus, estava lá; consideravelmente boa parte eram grandes nomes do Congado de Uberlândia, e de verdade, ali estava toda a minha pesquisa separada em poucas horas.

Inesperadamente durante o discurso do Ministro, a alguns metros de distância com a toada estrondosa, chegava chamando toda atenção sendo ovacionados, o Moçambique de Belém de 1971, um dos ternos mais velhos do município. Prontamente, durante todo o acontecimento, gravei as partes consideradas por mim importantes, essencialmente quando houve o pronunciamento da Deputada Dandara, que é uma mulher preta que sempre conviveu em meio ao Congado e também ao movimento negro – articuladora da lei que estipula constitucionalmente o “Dia Nacional do Congado e do Reinado” para 7 de outubro -, reconhecendo o Congado publicamente como uma “manifestação afro-religiosa”. Essa ideia é uma ideia que sempre entendi e defendi, e ouvir isso de uma personalidade política e acadêmica tão importante quanto Dandara vem sendo para Uberlândia, foi importantíssimo.

Naquele dia, em nome do quartel de Siricoco - nome este em homenagem ao fundador do Moçambique de Belém -, Ramon Rodrigues, liderança atual do terno, trouxe em suas mãos uma documentação em que pede a assinatura do Ministro como forma de legitimação para a luta contra as várias discriminações e racismo que os ternos de ‘congo’ vêm sofrendo em Uberlândia. Além de reforçar as atuações dos quarteis em suas comunidades, demonstrando que o quartel “Siricoco” é um ponto cultural reconhecido pelo Ministério da Cultura e que mesmo sendo reconhecido por meio de políticas públicas, alega que como os terreiros de umbanda, os quarteis vêm sofrendo inúmeras violências. Ramon ainda destaca que a iniciativa deve advir conjuntamente aos outros órgãos para reforçar a luta e trabalhar a percepção dos “quilombos urbanos” que é onde, também, as comunidades congadeiras como tradições afrodiaspóricas adentram. Para ele, hoje, o quilombo urbano configura uma proteção a mais ao povo preto e que é de suma importância, principalmente tendo a parceria da universidade, com

o governo federal e a Deputada Dandara, que vem sendo um apoio inquestionável para essas demandas, juntamente então, à soma do Ministério dos Direitos Humanos.

Assinada a documentação de apoio e reconhecimento, o momento foi honrado com as cantigas saudando a ancestralidade. O Ministro ganhou uma imagem de São Benedito para colocar em seu gabinete como forma de agradecimento e proteção. Foi algo histórico, simbólico e muito representativo para o povo preto e universitário de Uberlândia e região. Tendo em vista que estamos falando de uma universidade, que embora tenha pessoas pretas, ainda assim, são minorias, e que num momento como este tinham muito mais brancos bebendo de nossas fontes do que nós mesmos. É uma vasta e enorme problemática a ser discutida aqui também, mas isso é um assunto para depois.

Naquele dia minha colega de turma Ana Júlia Hipólita disse: “Seu trabalho finaliza hoje, seu TCC está pronto. Já pode dedicar à São Benedito!”. E no fim das contas Ana Júlia estava certa, foi a última experiência não intencional de campo e finalizou com o Moçambique de Belém entregando o santo negro ao Ministro dos Direitos Humanos. Por certo que devo entregar à ancestralidade das Congadas o fim destas escritas. Uberlândia tem uma ligação primeira com Nossa Senhora do Rosário, Ituiutaba não, lá se começa com São Benedito. E como dito no início dessas observações, alguma coisa me levou de volta às minhas raízes.

3.4 CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Após as colocações do Capitão Matheus do Camisa Rosa de Ituiutaba escrevi algumas considerações que até então eu refletia naquele momento. Apesar disso, ao longo deste trabalho, tive meu dia a dia diretamente influenciado pelas pesquisas e consequentemente me vi ligada à espiritualidade o tempo todo. Eu literalmente vivi o percurso do espiritual, do mental e do material, relacionado às minhas pesquisas com o Congado. Uma das coisas mais misteriosas e inquestionavelmente interessantes que me ocorreu após ter escrito aquelas

considerações, foi ter falado com a Vovó do Corumbá, a preta velha da minha mãe manifestada nela, pessoalmente.

Na penúltima semana de agosto, já quase finalizando parte deste trabalho, pedindo força e proteção para terminar a pesquisa, a Vovó me disse: “zinfia, coloca um cafêzin, uma água doce e uma luz pro seus preto véi, eles é de ‘congo’, é tudo moçambiquêro”.

E eu questiono: como isso pode bater com tudo o que presenciei ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa? A conversa com o Capitão Matheus não foi falada com minha mãe. E quando ela me mandou pedir licença para pesquisar lá atrás?! Pensei logo: “É... os Encantados são quem sabe de tudo mesmo”. A prova de que Orixá realmente é pé de vento e está em todo lugar, principalmente se estivermos mexendo com eles, consciente ou inconscientemente.

4. REFLEXÕES A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DOS MOÇAMBIQUEIROS DE ITUIUTABA, MG

Matheus Duarte, o jovem capitão do terno Moçambique Camisa Rosa, trouxe considerações complementares e de suma relevância para compreendermos as correlações descritas acima. Conheço Matheus Duarte há mais de 15 anos e desde novinha me lembro de sua presença no Congado. Para o moçambiqueiro coloquei o diálogo também de forma aberta para que facilitasse seu entendimento e para que ele nos trouxesse falas mais ricas - como um diálogo aberto permite - e que fossem realmente abrir um pouco mais nossa mente para o contexto da cidade de Ituiutaba, levando em conta que neste ano de 2024, o Capitão se tornou candidato a vereador para seguir buscando por benefícios e valorização para o Congado e toda a comunidade negra de Ituiutaba.

A partir da minha explicação e da pedida de opinião ao que ele pensa sobre a atuação do Congado junto ao movimento negro frente às lutas do povo preto da região do Triângulo Mineiro, especificamente de Ituiutaba, frisando o que ele acha da relação desses dois caminhos, ele explanou:

Então, a Congada hoje, principalmente aqui no Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, mas falando mais aqui de Ituiutaba, a Congada movimenta muitas coisas dentro de Ituiutaba. Primeiro, que nós somos, em relação a público, a segunda maior festa em relação a público geral dentro da comunidade Ituiutaba. Ou seja, a festa da Congada só perde para o número de público para a exposição (festa anual da cidade, EXPOPEC). Do restante das outras festas que acontecem dentro da cidade de Ituiutaba, a Congada está sempre à frente.

Durante esse período de Congada, principalmente de janeiro, de mais ou menos outubro até maio do ano seguinte, a movimentação na cidade, ela cresce muito em torno do comércio, porque o comércio principalmente, comércio com lojas de roupas, lojas de instrumentos, lojas, casas de tinta, né? Porque a gente precisa pintar os instrumentos. Então o comércio, ele movimenta muito mais.

Por um outro lado também, a gente movimenta muito também as pessoas que trabalham autônomas como costureiras, bordadeiras, então são essas pessoas que já são mais autônomas. E a gente movimenta tudo isso, porque, tipo, esse ano só no Camisa Rosa foi 78 meninas, eu acho, a costureira teve que fazer aí, só pro Camisa Rosa, foram feitas mais de 150 peças de roupas divididas em várias costureiras, né? porque elas não têm como fazer tudo de uma vez, mas então a gente movimenta muito esse ponto já.

Quando o jovem capitão conta sobre a costura das roupas das meninas e das costureiras envolvidas, é possível rememorar as falas de José Umberto do terno Congo Raízes de São Benedito, que também explicou sobre esse giro de dinheiro entre os congadeiros, dentro do próprio meio. O que também tem muito a ver com práticas ancestrais herdadas.

Seguindo adiante, Duarte continua a exemplificar sobre as atividades para a comunidade, que perpassam a noção de movimento:

Junto à comunidade, a gente realiza várias atividades no decorrer do ano, porque são atividades que a gente realiza justamente para ter dinheiro, ter condições de diminuir uma passagem. Ah, vamos viajar... Se o terno não tem dinheiro, a passagem custa R\$100, fica difícil para uma casa onde tem 4, 5 pessoas. Mas se o terno tem um dinheiro em caixa e a gente consegue diminuir essa passagem ao meio, já ajuda muito aquela família. Então o Camisa Rosa, ele faz, junto à comunidade, ele faz um trabalho de ação social que são os arrastões. Num domingo de manhã a gente anda pelas ruas tocando e pedindo alimento de casa em casa, aonde esses alimentos depois são divididos em famílias que têm necessidade dentro da comunidade negra ou fora da comunidade. O Camisa Rosa faz arraiá, faz vários tipos de galinhada, feijoada, fora os terços que a gente faz, que a gente chama de campanha, né? que são esse movimento bem dentro da comunidade mesmo.

Mais adiante, o capitão Matheus Duarte declarou:

A luta da Congada não é uma luta diferente do movimento negro, porque o movimento negro é militante, e a Congada também é uma militância. Então, através dos nossos cantos, através dos nossos ‘tambores’, através dos sons dos nossos instrumentos, nós estamos ainda gritando por liberdade. Ainda é um grito de liberdade ainda. Não essa liberdade que a escravidão acha que nos deu, né? uma liberdade... um tanto quanto papel. Mas hoje a gente ainda percebe que o racismo de forma estrutural, o racismo religioso, o preconceito racial, isso está muito forte ainda na sociedade.

E completou:

Então, a Congada, ela resiste, ela persiste lutando em prol desse reconhecimento, reconhecimento de luta, reconhecimento até mesmo de poder, um reconhecimento de que a Congada não é só bater ‘tambor’, a Congada ela tem vários e vários movimentos sociais, aonde ela traz pra junto da nossa comunidade congadeira um alívio a paz e mães que sofrem com jovens e crianças que dão trabalho dentro de casa, tem toda essa assessoria, sabe? Com esses jovens e crianças.

O questioneei sobre sua atuação e envolvimento com a política, o porquê de se envolver com essas demandas:

A política ela vem de encontro ao histórico que a gente percebe diante do poder legislativo e diante do poder executivo. Por quê? Não que a gente não tenha vínculos e apoio desse poder. Só que, só quem vive, só quem tem vivência sabe como é difícil. Só quem bate caixa no sol, na chuva, de dia, de noite, só quem anda com o terno de Congado de janeiro até maio, só quem sabe as dificuldades que a gente enfrenta, só quem sabe o valor de uma caixa, o valor de uma patangoma, o valor de uma roupa de uma menina, só quem sabe de tudo isso é quem vive.

Hoje, a maior dificuldade que a gente tem é realmente pessoas que querem nos representar diante de um processo eleitoral aí, do pleito eleitoral para ser vereador, da Câmara dos Vereadores, de um processo legislativo. É difícil a gente achar pessoas que querem nos representar. Por quê? Não é só a pessoa falar, eu sou vereador, gosto da Congada, no dia da Congada eu vou lá e bato palma pra Congada e depois eu desapareço, nunca mais eu volto. Não, tem várias coisas.

Hoje, tem uma lei 10.639 que ela fala e obriga que os professores dentro das redes municipais e estaduais tem que falar sobre a cultura afro-brasileira nas escolas. Aonde que está esse vereador que vai somar pra isso? Aonde que está essa pessoa que faz isso acontecer? Hoje, a gente percebe que tem pessoas, alunos aí de 12, 13, 14 anos, que eles não sabem o que é a Congada, e muitas das vezes ainda, com a influência cristã baseada dentro, diretamente, diretamente dentro das escolas, muita das vezes, nós ainda somos taxados ainda como as pessoas que fazem maldade, como as pessoas que tocam para o mal, como pessoas que não tem nada de bom, que aquilo tudo é ruim.

Então, chegou o momento em que a gente precisa de acordar e precisa de dar as mãos e saber que o nosso povo precisa de união, que o nosso povo precisa ser unido. Por quê? Porque não dá mais pra viver nessas amarras. Não dá mais pra viver das migalhas que eles querem nos dar. Não dá mais pra isso. Já chegou o momento, não é de pedir licença. Chegou o momento de falar, afasta que nós estamos chegando. Afasta que nós estamos tomando posse daquilo que é nosso.

A nossa comunidade num todo, ela é muito grande, muito grande. A gente só precisa se organizar em forma de grupo para que a gente possa começar a fazer política. Política pública, política de extensão, vários tipos de políticas onde a gente vai cuidar do nosso povo. Projeto social, projetos sociais voltados à comunidade, cursos voltados à comunidade. E isso, Thainá, a gente tem que pegar lá no jovem, lá no jovem mesmo, dos seus 3, 4 anos de idade pra que eles não sejam influenciados num local diferente. Não adianta nada eu criar um curso hoje de pré vestibular voltado para negros de 20 anos. Por quê? Porque eles têm uma consciência diferente, eles não querem muito isso. Então a gente tem que começar a trabalhar com a criança pequena, pra que ela já comece a evoluir, ele comece a crescer pensando que ela tem que crescer, ela tem que trabalhar, ela tem que ser um doutor, uma doutora, um advogado, seja o que for, mas ela precisa ter isso. Então, a participação nossa, a minha participação nesse meio político é justamente pra que a comunidade negra num todo seja ouvida, tenha voz, que é coisas que a gente não tem.

Uma das partes que mais me interessei e foi uma contribuição absurdamente significativa para mim particularmente, se deu no contexto da religiosidade. Matheus Duarte além de capitão do congado, é um recém iniciado no candomblé de nação ketu, e suas convicções são interessantíssimas. Mas, antes de alçarmos as suas colocações, percebo que o sincretismo está presente, mas não da maneira como talvez percebamos. Vejo que não se trata de uma mistura ou substituição de crenças e santos necessariamente, mas sim de uma manifestação com elementos de cada uma, ou seja, um pouco de catolicismo e um pouco de matriz africana. Minha interlocutora Sarah já havia dimensionado isso. Apesar de que, ainda assim, vejo muito mais na prática e na estrutura, elementos africanizados do que cristãos. O Capitão mostra sua visão:

Então a origem da Congada, ela não vem da igreja católica, porque a igreja católica a gente tem que lembrar, que o catolicismo, ele impõe um sincretismo religioso pra gente, pros nossos antepassados, porque eles não aceitavam que os negros vindos das terras de África, eles cultuassem os povos originários deles, os antepassados deles. E aí, com isso, a igreja, os negros, para não perder a sua fé, para não perder o seu modo de cultuar os seus ancestrais, os negros usam as imagens católicas como um sincretismo. Aí a gente começa a associar São Jorge a Ogun, Yemanjá a Nossa Senhora dos Navegantes e assim tantos outros Orixás, né? que tem aí esse sincretismo. Mas a Congada, ela vem a partir desse movimento negro e eu acredito que da mesma forma que lá atrás tentaram impor esse sincretismo para as religiosidades de matrizes africanas foi o mesmo sincretismo que tentaram colocar dentro da Congada e conseguiram introduzir

isso dentro da Congada. Tanto é que várias e várias, e várias e várias cidades, levam a festa da Congada pra dentro da igreja, ficou um marco da igreja isso.

Aqui em Ituiutaba mesmo pra você ver, há grandes relatos que um dos primeiros capitães aqui da cidade, que foi seu Cizico, que é o dono do terno de Moçambique Camisa Rosa, hoje da cidade de Ituiutaba, ele sabia fazer várias magias. Ele sabia, ele tinha vários segredos e dentro do sagrado dele, ele fazia várias magias. Mas, quando ele quis levar a Congada pra visitar a igreja, o que a igreja fez? Não, pra que você crie uma irmandade de São Benedito, você tem que ter um nome, e aí ele vê a Nossa Senhora e coloca o nome de Moçambique Camisa Rosa, e a igreja fala pra ele o seguinte: “agora você vai ter que ter 12 casais, casados realmente no papel e esses 12 homens vão ser os 12 discípulos. Então, dentro da Irmandade de São Benedito, eles têm os 12 discípulos, que começou ali essa história, né? pra se fundar aí essa história que existe hoje, os 12 discípulos. Com isso, todos os discípulos deveriam ser casados na Igreja Católica, batizados, catetizados, crismados dentro da igreja. Então olha o que que a igreja impõe a eles, olha o que que a igreja impõe a eles pra que eles pudessem levar essa tradição para dentro da igreja.

E aí hoje a Congada de Ituiutaba, especificamente Moçambique Camisa Rosa e Congo Camisa Verde, eles são basicamente igreja católica, a fundamentação deles são igrejas católicas. Por quê? Quando acontece isso lá na década de 60 com Seu Cizico e ele cria aí então essa irmandade, junta esses 12 apóstolos. O que que acontece? Os filhos deles que começam a nascer após esse período ou os filhos deles que já eram nascidos ali e tinham menos de 10 anos, o padre exige que todos os filhos precisavam ser batizados, catequizados, crismados... então os filhos eles crescem na obrigatoriedade da Igreja Católica e eles aprendem a ser católicos, eles não aprendem a ser espíritas. Por mais que tenha relatos que Cizico era um grande espírita, um grande, como se diz, um grande conhecedor de magias, os filhos dele não teve isso, os filhos deles foram instruídos, batizados, ou seja, no seio da igreja católica.

É relevante destacar que esse ponto de vista não é geral, não está para todos os modos de enxergar e cultuar, há diferentes percepções, principalmente se pensarmos por cada terno com sua raiz. Há quem entenda como uma prática católica. Essas falas podem ser entendidas como uma das formas de perceber as Congadas, a partir da ancestralidade negra, muito alinhada inclusive ao Movimento Negro.

Quando ouvi essa pergunta: “... não seria isso mais uma forma da igreja católica mudar mais uma vez a história, tentar mudar mais uma vez a história, assim como conseguiu?”, tive um estalo, um empurrão de consciência. Até então eu perseguia a ideia de “resistência”, mas nesse local pode ser que a resistência não tenha conseguido de fato se consolidar. E verdadeiramente, como em inúmeras outras situações, o branco conseguiu de muitas formas deixar a população negra sem mente, sem braços e pernas. Achei surpreendentemente forte esse questionamento jogado ao ar e perfeito para refletirmos em nosso íntimo.

Prosseguindo, abordei com ele um dos pontos que gostaria de tratar neste trabalho, mas que pretendo desenvolver numa outra oportunidade. As semelhanças entre Congado e terreiros de umbanda, candomblé, omoloko, etc. Até então eu não tinha vivenciado e nem refletido sobre, mas, sem dúvidas, me trouxe mais conhecimento e direcionamento espiritual. Aqui é interessante voltar a fazer uma analogia com os termos de Favret-Saada, que mostra em seus estudos a ideia de ser afetado pelas mesmas forças que afetam os interlocutores, não no sentido de pôr-se no lugar do outro ou de criar um tipo de empatia em relação ao outro, mas sim de “ser afetado por algo que os afeta e assim poder estabelecer com eles uma certa modalidade de relação, concedendo um estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional”⁹.

Um pouco antes de finalizar nossa conversa, o moçambiqueiro pontuou:

Só para explicar um pouquinho a respeito da religião, quando a gente fala sobre Congada, a gente tem que saber que a Congada é uma magia à parte. Do mesmo jeito que existe o terreiro de Umbanda, o terreiro de Candomblé, o centro espírita kardecista, a Congada é uma magia à parte. Essa magia à parte, ela é uma magia em volta de milhões e milhões de segredos, milhares e milhares de coisas sagradas. Então... A gente liga a Congada aos terreiros de Umbanda? Sim. Por quê? Porque a Congada veio da Senzala. E o que a gente tem de maior representatividade dentro dos terreiros de Umbanda hoje que pertenceram à Senzala? Nossos queridos velhos, pretos velhos e pretas velhas. Isso a gente faz essa ligação. Tem vários pretos velhos que regem o congado, o Moçambique, o Marinheiro, o Catupé, seja lá qual das confrarias que for. Tem vários desses que são atrelados a isso. Mas, a gente pode falar que a Congada tem uma ligação totalmente com o terreiro? Tem alguns termos que tem, tem alguns termos que tem, igual o Congo da Libertação, quando ele é fundado dentro da Irmandade de São Benedito, ele fala, na ata dele de fundação, que ele é totalmente umbandista, que ele seguiria todos os preceitos da igreja católica, mas ele é totalmente umbandista, ponto. Mas falar que a magia da Congada é a mesma magia dos terreiros de umbanda e candomblé, não, isso daí eu acredito que a gente não pode falar. Tem preto velho na Congada? Tem caboclo na Congada? Tem! Mas não é essa manifestação assim que a gente vê dentro dos terreiros. Então tem grande ligação, porque todos estão num campo espiritual, mas, não que seja uma ligação direta.

Uma coisa que é uma ligação muito forte entre Congada e terreiros de umbanda e de candomblé, tem algumas coisas que são muito fortes. Primeiro, todo terreiro de candomblé, ele inicia e termina um candomblé. Ou seja, tem música, tem cantos, tem pontos para iniciar o xirê, tem pontos para terminar o candomblé. O Congado também. Tem pontos para iniciar o congo e tem pontos para finalizar o congo. Outra semelhança que a gente pode ver muito grande é que, hoje, Candomblé, você iniciada, você sendo iniciada, passou pelos seus

⁹ Favret- Saada. 1990, p. 9.

21 dias de recolhimento, passou pelo seu preceito de 3 meses, passou pelo seu preceito de 1 mês, passou pelo seu preceito de 1 ano, passou pelos seus 3 anos, vai dar seus 7 anos, depois vai se tornar um egbomi. Ótimo! Então, o Congado também tem os seus preceitos. Não é que você chega no Congado e cê já um capitão, não. Você vai começando, depois você passa pela iniciação, depois você vai passar pelo treinamento, depois você vai ganhar um bastão, depois você vai trocar uma muda de roupa. Lá na frente, você vai ser batizado. Aí, você é batizado. Ah, quando eu sou batizado, eu já sou o mestre? Não, muito pelo contrário. Enquanto você não é batizado, você ainda é um abiã. (No candomblé utilizamos esse nome “abiã” para nos referirmos aos não iniciados, mas que já tem algum tipo de ligação com o culto).

Só que antes de você ser batizado, você precisa passar por toda uma série de rituais pra que você realmente possa ganhar o direito de ter esse batismo e isso se assemelha muito ao candomblé. A gente assemelha muito com a umbanda, os cantos de umbanda, junto com os cantos de Congado, têm muitos cantos que são os mesmos por conta mesmo dos pretos velhos, dos nossos caboclos, então tem muita coisa, tem muita coisa que se assemelha.

Para concluir, perguntei sobre a função do dançador em seu terno e ele detalhadamente finalizou:

A minha função hoje dentro do Camisa Rosa é cantar. Levar esse canto, ajudar o meu capitão-general a buscar o bom desenvolvimento do grupo. Tem vários grupos de Congada, aqui tem capitão-maior, primeiro capitão, segundo capitão, terceiro, quarto e assim por diante. No Moçambique Camisa Rosa é um pouco diferente. A gente tem o nosso general, que seria o nosso primeiro capitão. O que é o general? É como se fosse o pai de santo do terreiro, ele é o número um. Abaixo dele tem os capitães de apoio dele, são capitães que estão ali à frente. Então, tem vários tipos de capitães. Tem capitão igual eu, que sou capitão de canto, mas tem capitão das caixarias, tem capitão de patangoma, tem capitão de guiar o terno, de levar o terno na frente, tem vários tipos de capitães, mas todos os capitães são o seguinte: antes do batismo “capitão atrevido”, depois do batismo são realmente capitães. Então todos aqueles que não são batizados, mas são capitães, são chamados de capitães atrevidos. E neste caso, eu ainda não sou batizado.

Com as considerações riquíssimas que o capitão do “Camisa Rosa”, um dos ternos fundadores da cidade de Ituiutaba, pontuo que muitas questões abordadas por ele me causaram um impacto que não imaginava, e principalmente, me entregou novos âmbitos para ampliar as noções políticas e fenomenológicas, espiritualmente falando, que estão presentes no corpo da existência dos ternos de Congado da minha cidade natal. Quando Duarte falava sobre entender a dinâmica com os pretos velhos e outras entidades, as quais em contexto congadeiro sopram um outro tipo de energia, parei no tempo. Talvez eu tenha percebido alguma entidade me mostrando algo além daquilo que nem sequer passava pela minha cabeça.

Durante nossa conversa rememorei a situação em que senti uma interrupção espiritual quando estava no meio deste trabalho, de quando minha mãe abriu o jogo de cartas para me orientar, foi pedido para que eu pedisse licença aos pretos velhos para chegar, e na minha inocência não pensei muito por esse lado, talvez por ter essa ancestralidade comigo e por achar que estariam me acompanhando durante a estrada sem tentar me educar. Enganada eu estava. Eu nunca pertenci a um terreiro que tivesse vínculo com Congado e muito menos comecei minha espiritualidade frequentando Congado, a partir daí, meus pretos velhos não anunciaram energia de ‘Congo’. Diferente de mamãe, ela sim foi vestida para sair às ruas nos primeiros anos do Congo Real, sua preta velha se aproximou nessa energia. Tão certo que eu nunca prestei atenção, mas a minha mãe cultua São Benedito e Nossa Senhor do Rosário na cozinha, sempre coloca um cafezinho para atrair a prosperidade. Sua preta velha é mandingueira, misteriosa, pouco vista por aí, tampouco falada, eu mesma nunca vi outro médium incorporar com essa “nega”. Acho curioso refletir sobre o assunto.

Outrossim, é muito importante percebermos que é impossível desvincular uma coisa da outra quando se fala das Congadas, a religião é o agente precursor e fomentador da luta desse povo e é por este motivo que quis colocar as duas coisas correlacionadas nesta parte. Em nenhum momento vi e ouvi congadeiro falar das ações políticas desvinculando-as da religiosidade, independente se a católica ou as matrizes africanas. Obviamente, seria impossível, a questão é essa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resolução desse ensaio etnográfico não pode ser considerada como algo definitivo e/ou concreto. Ao adentrar o campo de pesquisa proposto, muito foi colhido, mas também muito ficou para trás, passando despercebido. Desse modo, a pesquisa permitiu objetivamente, que compreendêssemos a relação do Congado com o movimento negro nas cidades observadas,

considerando que perpassam situações semelhantes, mas momentos diferentes. Quando adentro o contexto das Congadas, compreendo que sua atuação por si só alcança muitas estruturas e não há motivo para associá-las a todo tempo ao movimento negro, como pensei inicialmente. O Congado é uma tradição ancestral negra. Antes que o Movimento Negro “organizado” surgisse, o Congado já estava lá, presente, em ação, bem como pontuado por alguns entrevistados e reconhecidos por Lélia Gonzalez e Petrônio Domingues.

Além do mais, acerca das noções espirituais, a pesquisa também mostrou que as Congadas não estão vinculadas, a todo tempo, aos terreiros de umbanda, candomblé, omoloko, dentre outras raízes. Mas sim, é importante reconhecermos que suas fundamentações condizem e podem não só ser assemelhadas, como também entendidas como ‘mais uma’ tradição de matriz africana, se pensarmos a partir da organização ou até mesmo estruturação que existe nos cultos e nos festejos.

Cada qual entende de uma forma, há de se respeitar, mas na visão desta pesquisadora, por meio de algumas comparações e percepções, é nítida a confluência existente nas tradições afrodiaspóricas, dentro dos terreiros e quarteis os quais já tive contato. A circularidade pode explicar. Os povos pretos que passaram por cada canto desse país deixaram suas raízes que coincidem a todo tempo, pois eram povos similares, nisso, abordando suas origens. Então, entende-se que pode ser por aí mesmo o caminho a ser compreendido sobre a cultura e a religiosidade, que estão interligadas, serem tão parecidas independente da localidade¹⁰. (BRASILEIRO, 2006).

No mais, a cada ano que se passa, vem surgindo novidades quanto às ações políticas em prol da luta, da resistência e do povo congadeiro, que no começo, no meio e no fim, acabam movimentando e gerando impactos para a população negra como um todo dentro de suas cidades. Numa visão social macro, se uma pessoa preta se levanta, todo o resto se levanta. Se uma tradição consegue sobressair-se, todas as outras tradições daquele determinado povo evidenciam-se. “Ubuntu” é igual a “sou porque nós somos”. Se uma conjuntura se movimenta, toda uma estrutura se realocaliza.

¹⁰ Brasileiro, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO DOS SANTOS, Antonio. A terra dá, a terra quer / Antônio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1985. A festa do Santo de Preto. São Paulo: Pioneira.

BRASILEIRO, Jeremias. Congado em Uberlândia: Espaço de Resistência e Identidade Cultural, 1996-2006. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia MG, 2006.

CLEMENTE, Claudelir Corrêa. SILVA, José Carlos Gomes da. Negros, cultura e vida urbana: estudos etnográficos sobre o Congado. Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2013.

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. As Irmandades Religiosas de Africanos e Afrodescendentes. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. Artigo, 2007.

Depoimento de Márcia Helena Assunção do terno Marujos Azul de Maio numa premiação em Belo Horizonte. Por Deputada Estadual Andréia de Jesus, julho de 2023. Disponível no: <https://www.instagram.com/reel/Cu4bGNYAbm2/?igsh=dzQycTczMXBreDZs>

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos, Tempo, n. 12 (23), São Paulo, 2007. 100- 122. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt>

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. Cadernos de Campo, ano 14, n. 13, São Paulo: USP, 2005.

FREYRE, Gilberto. "Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal". São Paulo: Global, 2006.

GABARRA, Larissa Oliveira. Congado de Uberlândia: Relíquias e Memória. Universidade Federal de Uberlândia. Artigo, 2006.

GILROY, Paul. 1956, O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência/Paul Gilroy, tradução de Cid Kaipel Moreira. - São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432 p.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Resposta de Antropologia, São Paulo, USP, 2003, v. 46 N° 2.

GONZALEZ, Lélia. Lugar de negro / Lélia Gonzales. o Carlos Hasenbala. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. (Coleção 2 Pontos: V.3).

INGOLD, Tim. Sobre levar os outros a sério; Repensando o social; Antropologia para o futuro. In: INGOLD, Tim. Antropologia para que serve?. Rio de Janeiro: Editora Vozes, cap. 1; 4-5, 2019.

PIRES, Fernanda. O Congado e sua relação com a Igreja Católica. Artigo, ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura, 1975. São Paulo, Cosac Naify, 2010, 256 p.